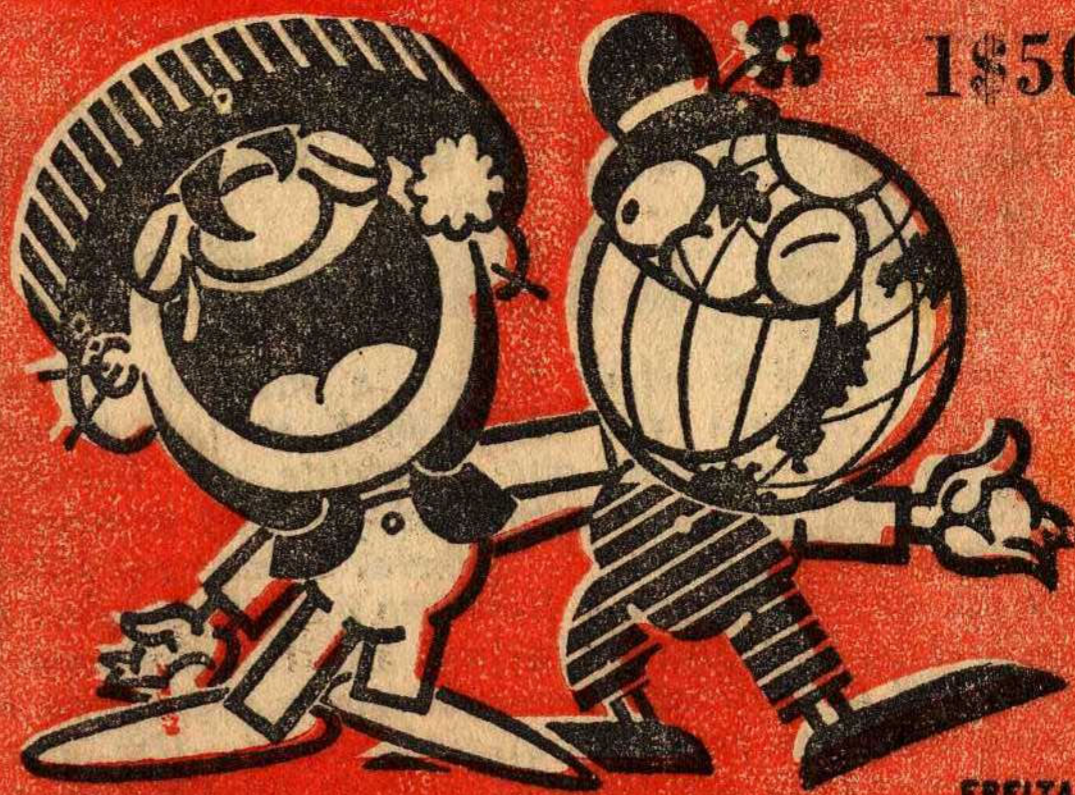


# DÍO

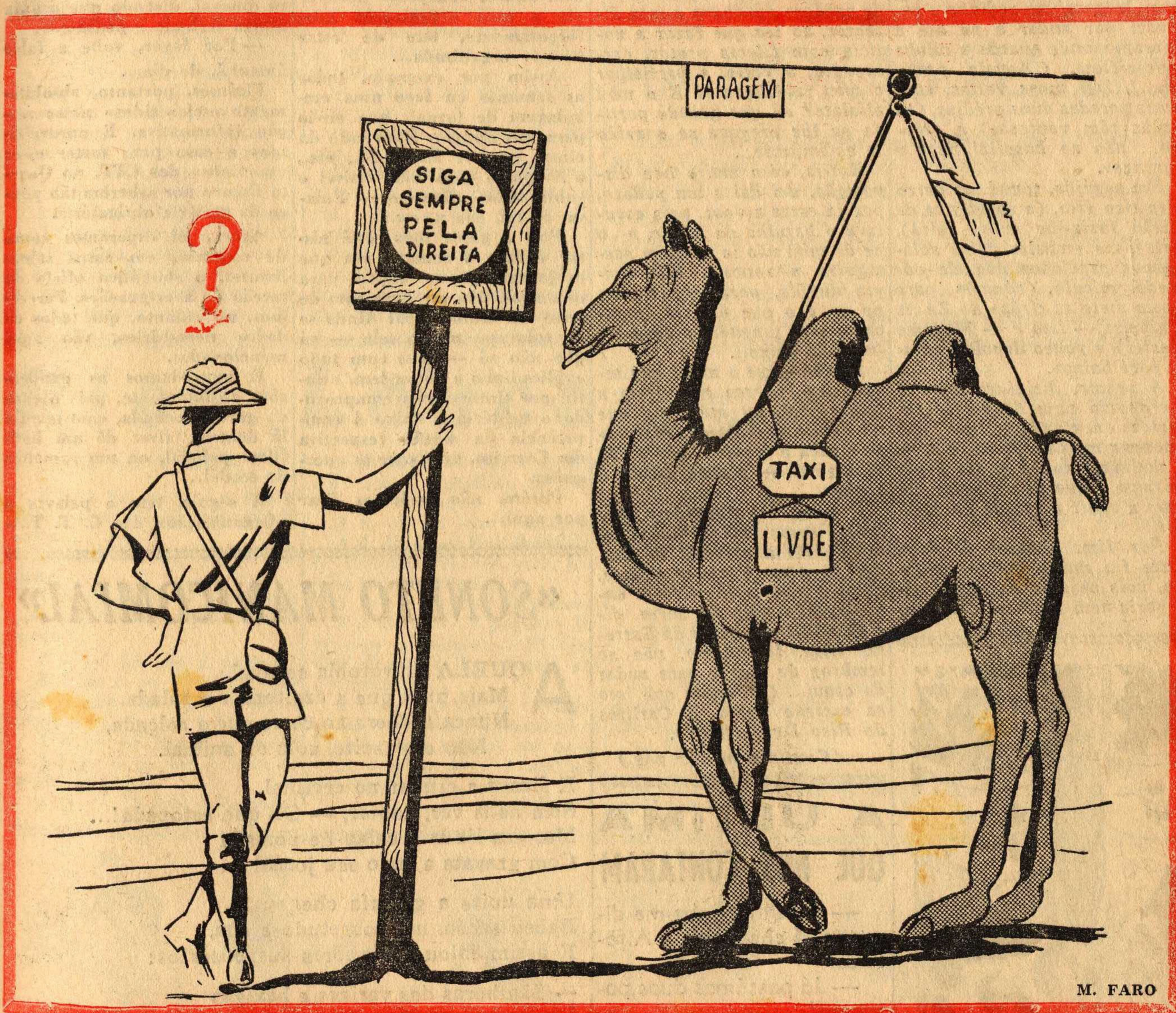
## MUNDIAL



FREITAS

Director (interino) e Proprietário: Jerónimo Pinteus de Sousa ★ Editor: Francisco Amaral Duarte ★ Redactor principal: Mário de Meneses Santos ★ Redacção e Administração (Provisórias): Rua da Misericórdia, 14—Lisboa ★ Composição e Impressão na Sociedade Industrial de Imprensa—Rua Luz Soriano, 67 ★ Distribuidores: Agência Argos—Rua da Assunção, 42, 2.º—Telefone 20925

## A PRÉGAR... NO DESERTO



— SIGA SEMPRE PELA DIREITA  
 — NÃO SUBA PARA O CAMELO A ANDAR  
 — NÃO ATRAVESJE O DESERTO EM DIAGONAL

— CAMELOS! ANDEM DEVAGAR  
 — NÃO ATRAVESSE O DESERTO SEM OLHAR  
 — NÃO CONVERSE NOS PASSEIOS... DO DESERTO

## REPORTAGEM A PIR

## Eu a 1.500 metros de altitude!

**E**U não sei se o leitor já andou alguma vez de avião, mas suponho que tem uma noção muito errada sobre isso.

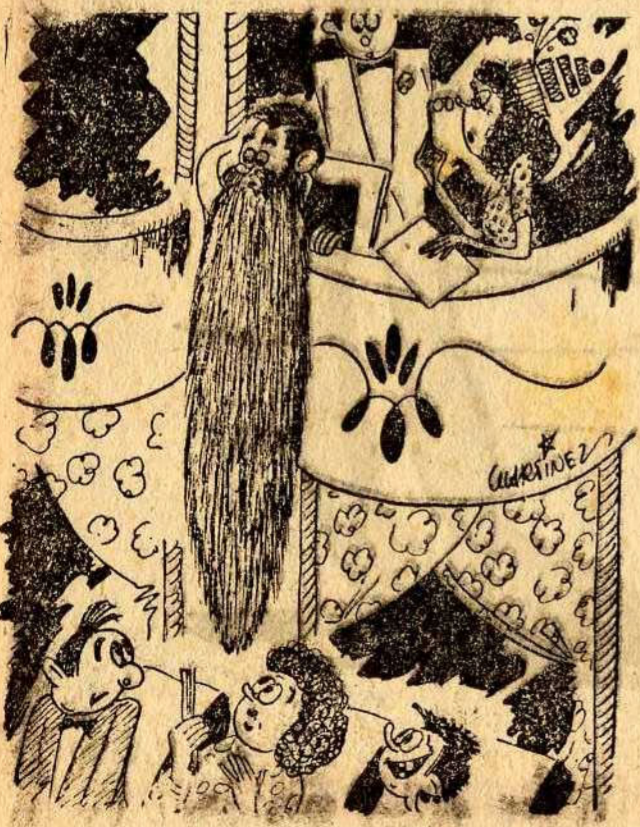
Pois eu, depois de ler o livro de Jerome K. Jerome, «Jerónimo a 60° de Latitude Norte», idealizei uma reportagem a 1.500 metros de altitude, o que, se não tem relação alguma com o livro, tem a enorme vantagem de me encher as primeiras linhas desta reportagem.

Para sentir bem a diferença entre os vários meios de transporte, nessa manhã em que voei, levantei-me cedo e comecei por andar a pé até à «garage» onde guardo a minha motocicleta. (Aquele «santa»...). Dei umas voltas, subi umas paredes duns prédios, (os pneus têm ventosas) e recolhi... não ao hospital, mas á «garage».

Em seguida, tomei um carro eléctrico frio, (a casquinha de limão fazia-lhe muita falta), deixei-me embalar pelos solavancos graciosos daquele cómodo veículo, (cómodo, para quem mete as crôas do Zé na algibeira — isto é — Madame Carris), e pouco depois... «desci para baixo».

A seguir, dirigi-me para o Aeroporto num daqueles «camelos encarnados», que não andam a mais de 30 km. á hora, e disfrutei do 1.º andar o panorama... que as senhoras davam a subir a escada de caracol.

Por fim, cheguei á pista, onde fui muito cumprimentado, pois pessoas da minha categoria nem todos os dias des-



— Sempre que trazemos o avozinho ao teatro, não podemos ir para a plateia!

cem a subir de avião... Uma menina com a categoria de assistente de bordo» (digo-vos que uma companheira daquelas é uma «assistência» com tanta categoria como a Nacional aos tuberculosos...), indicou-me o lugar que eu deveria ocupar. Um confortável fauteuil de 1.ª fila, que faria inveja ás desconfortáveis poltronas dos teatros do sr. Piero, cochia lateral, ao lado da janela.

Daí a pouco, tudo estava a postos para começar o passeio. Sorri, ao pensar na ideia de não voltar mais... Que «grande cabeça» apanhava o meu director, ao ter que fazer a noticia com filetes pretos, carregados, á volta, a participar o meu falecimento! E o meu alfaiate? Ai que grande partida eu lhe pregava se o avião se estampasse...

Enfim, com muita boa disposição, dei daí a um pedaço, por já estar a voar, pois escutava o barulho da hélice, e o pé de mim não ia nenhum passageiro a roncar. Não havia duvida, portanto: estava no ar, e o que é mais engraçado, sem ninguém a segurarme por baixo...

Se não fosse o medo que tenho dos leitores me virem a julgar mal, eu até diria que me sentia borboleta... Mas vamos para a frente... que ainda há lugares — perdão, linhas a encher.

O avião, foi tomando a altitude, numa sofreguidão de quem está a precisar de mudar de ares, e pouco depois, como o médico lhe tivesse encomendado ares da serra, dirigiu-se para a Serra da Estrela, onde, felizmente, não se lembrou de descer para andar de esqui... (E' assim que isto se escreve agora, ó Carlitos do Riso Desportivo?).

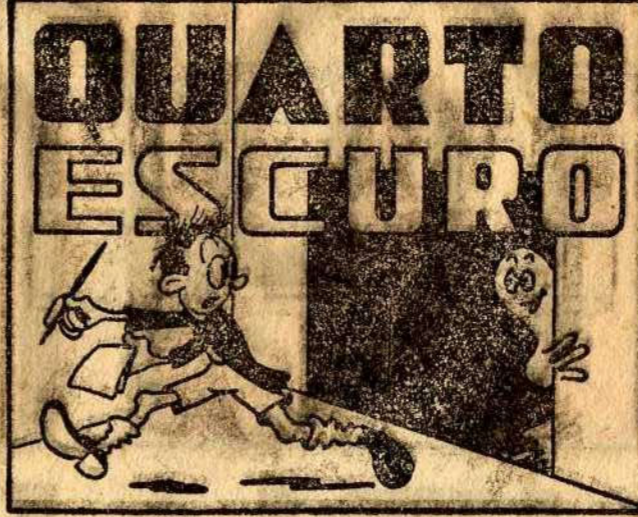
(Continua na 15.ª pág.)

## A ULTIMA QUE NOS CONTARAM

— O senhor sabe-me dizer se já chegámos a Alfaiates?

— Já passámos duas paragens!

— Muito obrigado. Ainda falta muito para chegarmos ao Porto!



**P**EGAMOS há dias numa revista argentina, onde se narrava um caso curioso: Uma carta enviada por um prisioneiro alemão de 1916, chegou ao seu destino — por acaso a casa dos pais do soldado preso — catorze anos depois, isto é, em 1930!

Ora, também por cá o serviço dos Correios não é feito com aquela «limpesa» necessária a uma organização que, forçosamente, tem de estar bem... organizada...

Assim por exemplo, todas as semanas eu faço uma embalagem de jornais que envio para uns amigos. Dum lado da cinta, ponho: Ex.º Sr., etc., e do outro lado, bem visível e sublinhado: «Remete — Fulano de tal, rua x, etc.».

Pois a graça toda, está nisto: é rara a semana em que os jornais que eu expedi para os outros, não me apareçam de novo em minha casa! Ainda se eu colocasse mal o selo — vá que não vá — mas com tudo explicadinho e em ordem, «tintin por tintin», não compreendo o mistério e deixo á competência da secção respectiva dos Correios, averiguar os «porquês».

Porém, não podemos fiar por aqui...

No dia 23 de Julho, ás 23 e 55, telefonámos da redacção para o n.º 33231 (informações e Reclamações das 23 ás 9 h.), com uma pergunta muito simples: «Pretendemos fazer uma cobrança por título em Campolide; pergunta-se Campolide pertence á Lisboa Norte ou Lisboa Central, para esse efeito?».

Fomos atendidos em primeiro lugar, por uma senhora, que nos respondeu:

— Um momento, por favor! Vou ligar a outra secção onde o poderão informar.

Em seguida, atendeu um cavalheiro, a quem repetimos a pergunta. Este respondeu:

— Um momento, faz favor. Vou ver se há aqui alguém que saiba...

Aguardámos um breve momentozinho. Voltou o cavalheiro amável, dizendo que o guia estava fechado e pediu-nos:

— Por favor, volte a falar amanhã, de dia...

Ficámos, portanto, absolutamente esclarecidos» nessa secção informativa. E aproveitámos o caso para meter esses «meninos» dos CTT, no Quarto Escuro por saberem tão pouco da matéria obrigatória.

Agora, cá esperamos como de costume, em casos semelhantes, o simpático officio da secção de averiguações. Parecemos, no entanto, que todos os dados necessários, vão aqui mencionados.

E aguardamos as explicações ansiosamente, pois o caso da gaveta fechada, com o guia lá dentro, talvez dê um bom filme policial, ou um romance de condel...

A seguir, tem a palavra a «Organização» dos C. T. T...

## «SONETO MANICOMIAL»

**A**QUELA hidrofobia sensual,  
Mais pura que a azeitona e a salada,  
Nunca soubera ao certo que a calçada,  
Não era azeite, cola ou animal.

E ficava a cismar no ervilha!  
Sem nada ver, cantar, — Oh que estopada!...  
Mas era linda a caixa de pomada  
Com gravata a ler o seu jornal!...

Uma noite a garrafa chegou lá,  
Bebeu sabão, um sobretudo e chá,  
E assim falou aos pobres suspensórios:

— São horas das varizes e bexigas  
Levanta-te, mulher, traz as urtigas,  
Os óleos, as canções, e os dormitórios...

ALFREDO ABREU

# A CONFERÊNCIA DO ILUSTRE PROFESSOR



S grupos já se impacientavam percorrendo o espaço «hall» do «Círculo Pró-Cultural» e outras coisas mais pró...

Ninguém conhecia o «distinto, ilustre e sagaz» publicista que fora convidado por escrito e acedera muito diferentemente a vir iluminar os tacanhos espíritos lisboetas com as lampadas electrónicas do seu vastíssimo saber.

A sala estava quase cheia de faunos e faunas rumorejantes preparados para a faina e um zumbido de conversas vinha até cá fora.

Neste momento, um sujeito sem predicados visíveis e de complementos directos ocultos, forte, de cabeça rapada e bigode fero, que caminhava na rua apressado (não era o bigode era o sujeito, isto é, o sujeito do bigode e não o bigode do sujeito) parou a olhar para as letras enormes que se destacavam do edifício, impudicas, nuas: «Círculo Pró-Cultura». Pareceu considerá-las atentamente, olhando a perna alva e escultural do P e as curvas fascinantes dos C, e pedindo licença em voz grossa passou entre os indi-

## por «FILÓSOFO BARATO»

víduos aglomerados á porta, esperando pelo «Desejado» (sem piada aos Sebastianistas...). Todos sentiram pelos modos a voz do intruso ser este o «distinto, etc.» conferencista Dr. Rómulo Matias.

Um murmúrio percorreu as laringes dos circunstantes que se inclinaram reverentes ante o «facho» (da Ciência, é claro...) O «ilustre Homem» pareceu levemente surpreso mas os jornalistas encarrapitando-se uns nos outros assediavam-no «inteligentemente»:

— «Que pasta de dentes usa, Professor?»

— «Que pensa da psicanálise rebarbativa da teoria Freudiana?»

— «Qual o dia mais feliz da sua vida?»

— «Gasta do Mercado Negro, Professor?»

O «Professor e Doutor» olhou um pouco confuso as caras alarves dos jornalistas (perdoem-me, Oh! vós do «Riso»...) e num repelão entrou para a sala encaminhando-se, levado pelos gentlemen-perus, para a mesa da

presidência. As apresentações foram apressadas:

— «O insigne conferencista, um dos espíritos mais cintilantes da nossa geração, Professor-Doutor Rómulo Matias», este cumprimentou ligeiro:

O publico aplaudiu com carinho. A um gesto do Presidente da Mesa fez-se silêncio.

— «O distinto professor, cujo formoso talento dispensa apresentação vai dar-nos o grato prazer espiritual da sua

(Continua na 15.ª pág.)



— António, já que vais á cidade, não te esqueças de trazer a hora exacta...

— Mas eu não tenho relógio!

— Não tem importancia: tráz-la apontada num papelinho...

(Do «Cards y Caretas»)

## HA HORAS FELIZES!

Nem o sol escaldante de fazer derreter um par amoroso já de si derretido, nem o calor de transformar o corpo num desagradável suadoiro, nem até a chuva de picaretas que há-de vir daqui a uns meses, — nada impede aos leitores de concorrerem cada vez em maior numero ao nosso concurso «Há Horas Felizes».

De semana para semana a contagem dos boletins vai-se tornando mais complicada, pela multa afluência

cia que os 1.000\$00 têm despertado.

E quando o prémio não sai, os animos redobram e os nossos leitores insistem num desportivismo á Benfíca (com mil perdões aos adeptos dos outros clubes), enviando os boletins ás catadupas.

Desta vez, o piquete foi reforçado (não o piquete dos Bombeiros, mas o dos escrutinadores), e á hora a que escrevemos, nada se sabe de positivo. Os conferencistas, em mangas de camisa e com a boca na palhinha da carapinhada, trabalham afanosamente, procurando chegar ao fim.

### ULTIMA HORA

Motivado pela alteração da saída do nosso jornal, é-nos completamente impossível dar hoje o numero premiado, o que faremos na próxima semana.

## Riso Louco

Na sala de visitas

A dona da casa — A minha filha, nem sequer põe pó de arroz...

A visita — Lá isso é verdade!

A d. da c. — E tem gosto pelos bordados. Borda lindamente!

A v. — Lá isso é verdade!

A d. da c. — F' muito simples e não tem más companhias...

A v. — Lá isso é verdade!

A d. da c. — Não é nada de modernismos...

A v. — Lá isso é verdade!

A d. da c. — Passa os dias em casa a trabalhar. E' raro ir a um cinema...

A v. — Lá isso é verdade!

A d. da c. — Vou chamá-la: O' Tininha! Não tem essas paixões pelos artistas...

A v. — Lá isso é verdade!

A d. da c. — A pequena deve estar a costurar... O' Tininha! E nunca lhe conheci um «catrapisco»...

A v. — Lá isso é verdade!

Eu — Lá isso é mentira! A Tininha não está aí em casa! Veio comigo para a matinée do cinema!

O AUTOR

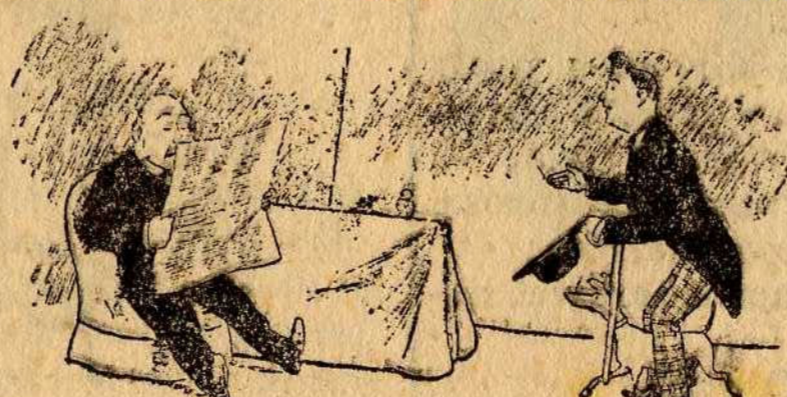
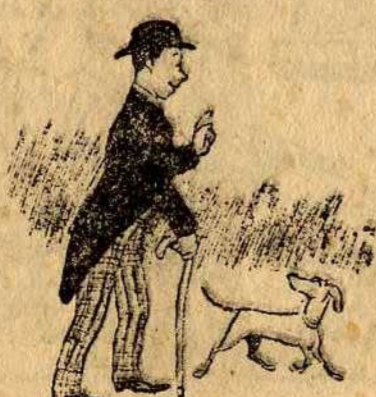
## PREGUIÇA

— Diz-me meu menino, quando fores crescido, o que desejas ser?

— Fogueiro.

— Porquê?

— Porque assim, quando não me lavar não se nota.



— Olá Tom! Muito bem... Deste modo temos contrato certo...

— Vamos a ver se me deixas ficar bem diante do novo empresário!

— Pode-se entrar?

Apoteose...

(Do «Almanaque Bertrand»)



## CONTINHOS

por Jenó Heltai

## A CONDESSA FUGIU

por ANDOR KOZME

**N**A perfeitura, na residência do sub-prefeito, reinava a tranquilidade e o silêncio. A menina Margarida enbalava-se com lentidão na cadeira de balouço completamente absorta na leitura de uma novela francesa. A sua mamã está bordando, e com suave zelo olha o livro que alveja entre as mãos da filha. Sim, pois essa novela é lida por ambas, á vez. Cem páginas a mamã e cem páginas Margarida, que está agora em função, quando a mamã descobre que sua filha, lendo rápidamente, vai já muito adiantada.

— Diz-me, Margarida, o que é que acontece á condessa?

— A condessa fugiu.

— Impossível!

— Contudo, é assim mesmo.

— Com o barão, não é verdade?

— Sim, com o barão.

— E' terrível! E o marido?

— Ainda não sabe nada.

Julga que a mulher foi para umas termas.

— Oh! Como acabará tudo isso.

Na sala contígua ouve-se entornar qualquer jarro; Maria, a criada, corre velozmente para a cozinha, fora de si, e interrompe, assim, a conversa entre a cozinheira e o groom.

— E' terrível!

— O quê? O quê?

— A condessa fugiu!

— O' diabo! — exclama o groom.

— Jesus! — disse a cozinheira — Como soubeste isso?

— As senhoras, estavam a dizê-lo há momentos. E nem o próprio conde o sabe ainda!

— Como havia de saber, se o seu groom, Estevão, também ainda não o sabe! Há bocado falei com ele, passou por aqui, por defronte da cozinha. Perguntámos-lhe onde estava a condessa, e disse-nos que tinha ido a noite passada para umas águas.

— Sim; também o conde assim o julga. Mas tudo isto não é mais do que um pretexto. A condessa não foi para termas nenhuma; fugiu com o barão Gagenburg!

Ao fim de um minuto, o groom do sub-prefeito falava já com o groom do prefeito, numa antecâmara:

— Bem, camarada, num bom sarilho estás metido.

— Porquê?

— A tua senhora fugiu.

— Não digas asneiras; foi passar uns dias para umas termas.

— Isso julgas tu! Enganou o teu patrão e a todos nós. Disse que ia veraneiar, mas na estação esperava-a já o seu austríaco, o barão Gagenburg, e, depois abalaram os dois por esse mundo fora!

— Como sabes? Viste-os?

— E' como se os tivesse visto. E' certo.

— Oh! raio! E' preciso ir dizer ao criado. Ele saberá o que deve fazer. O meu patrão não está em casa. Está em Budapest.

Ao fim de quinze minutos, os dois mendigos surdo-mudos da cidade encontram-se na praça da Igreja, e mesmo de longe fazem ambos, idênticos gestos com as mãos. E' evidente que se contam mutuamente que a condessa tinha fugido.

E os caixeiros viajantes que em cada estação deitavam a cabeça fora das carruagens de segunda classe, e perguntavam aos comerciantes que passeavam pela estação, o que havia de novo, todos obtinham a mesma resposta, de que a esposa do prefeito, a condessa, tinha fugido.

Para que tudo isto sucedesse foi preciso menos tempo do que requerer a leitura de setenta páginas.

De repente, abre-se a porta com grande estrondo e aparece o sub-prefeito, fora de si.

Com uma voz pressurosa, trémula e comovida, diz:

— Já ouviram a terrível notícia?

— O quê? O quê?

— Enquanto estavam aqui fechadas, trabalhando tranquilamente, não sabem o que aconteceu?

— O quê? Por Deus!

— A condessa fugiu.

— Impossível!

— Contudo, assim é.

— Com quem?

— Com esse idiota do oficial austríaco, com esse imbecil do barão Gagenburg. Disse ao marido o que nos havia dito a todos, que ia veraneiar, e, com efeito, meteu-se no combóio da noite. Hoje, sabe Deus, onde estarão já! Mas o prefeito está em Budapest e ainda não sabe nada.

Formidável! — interrompeu Margarida — E depois venham-me dizer que Ponson du Terrail escreve coisas impossíveis! Eis aqui, na sua novela, um caso completamente idêntico. E' quase milagroso! O conde adorava a sua mulher... Interveio um barão... e a condessa fuge...

Enquanto toda a gente falava desta maneira, o prefeito da polícia e sua esposa, a condessa, passeavam, felizes e enamorados, por entre os pinheiros de Tátrafured. O prefeito tinha ido directamente de Budapest, para o local onde a sua mulherzinha se encontrava, para lhe fazer surpresa á sua chegada,

E o barão de Gagenburg encontrava-se nessa ocasião, no pátio do quartel da capital da província, dirigindo o exercício dos valentes dragões que comandava.

(Condensado da «Antologia dos Humoristas» — Contos Alegres Hungaros)

## Vaidade

A jovem agonizava e sua família chorava á cabeceira do leito.

— Minha filha! — soluçava a mãe, deitando-se sobre ela. Mas a moribunda não se moveu.

— Meu tesouro! — suspirou tristemente o marido e agarrou na mão fria de sua mulher. Mas a sua mão permaneceu fria.

— Mamã! — gritaram seus filhos. Mas a mamã nem para eles olhou.

— Como ela está feia! — disse, numa voz apenas perceptível, quase em pensamento, o seu amante, amigo da casa.

Foi então que a mulher se endireitou e pediu um espelho...

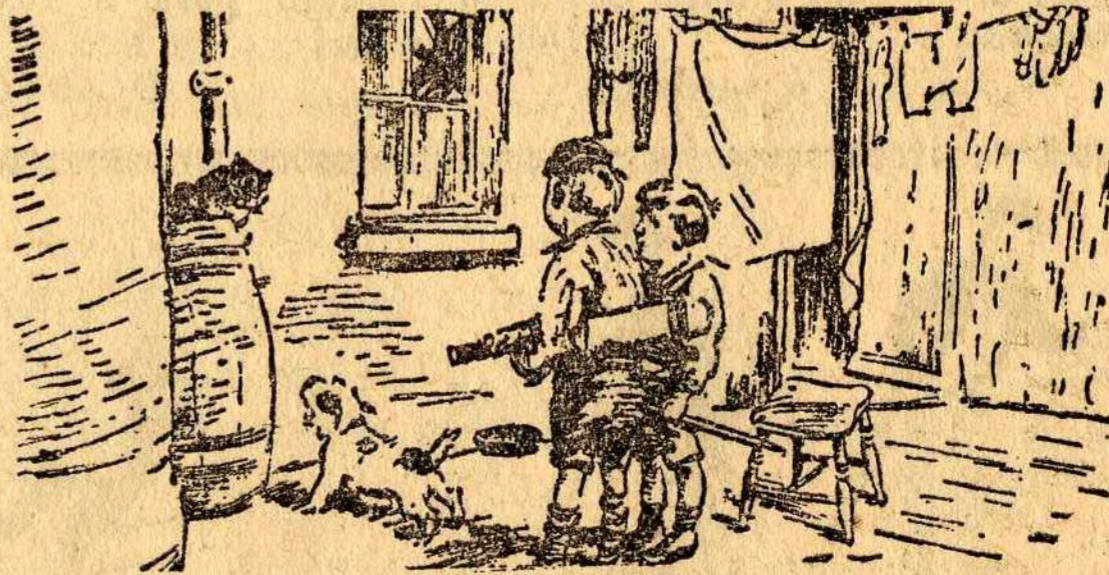
## Um amor desgraçado

O jovem poeta estava enamorado de uma pequena cheia de encantos. Mas, ai! aquela rapariga não o amava.

Escreveu uns versos comovedores á fada dos seus sonhos, em que narrava a dor que despedaçava o seu coração de poeta. Publicou esses versos, e como lhos pagavam bem, vivia esplendidamente e satisfeito, fumava bons cigarros e a vida parecia-lhe bela. Por fim, a rapariga, emocionada por tantas lágrimas e dores, começou a amar o poeta.

— Que vai ser de mim! — exclamou este ao saber aquela notícia — De que viverei eu, no futuro?

(Condensado da «Antologia dos Humoristas» — Contos Alegres Hungaros)



— Quem partiu a janela, Carlitos?

— Foi a mamã; mas a culpa foi do pai: agachou-se!

(Do «The Humorist» — Londres)



## A HISTÓRIA DUM ARTIGO QUE NÃO CHEGUEI A ESCREVER sobre o desportivismo dos raguebistas

**T**IVE ocasião de assistir, há tempos, a um desafio de raguebi entre duas boas equipas. Por sinal, num dia em que a chuva caía forte e ininterruptamente.

Como o campo estava um autêntico «pantano», convenci-me que o jogo não se disputava. De resto que os oito assistentes—incluídos o guarda do campo, a mulher e dois filhos — não se iriam importar muito com o adiamento.

Mas assim não sucedeu — e, nesta altura, comecei eu a idealizar o meu artigo sobre o desportivismo dos jogadores da modalidade. De facto, era proeza disporem-se a patinhar, durante uma hora e tal, naquele mar de lama, ainda por cima com a chuva a cair cada vez mais forte.

Só porque á organização não convinha o adiamento, eles lá entraram no «lago», com a melhor das disposições.

No peão, os assistentes to-

maram posições atrás dos dois chapéus de chuva existentes. Tudo isto exercia sobre mim profunda impressão e, no meu cérebro, ia juntando elementos para o artigo, que antevia sensacional.

O raguebi é um desporto «desconhecido» entre nós. Não tem os favores do público. E, no entanto, temos belíssimos praticantes. Sobretudo, uns desportistas! A «galeria» não lhes interessa... e, se lhes interessasse, estavam servidos. Nunca lá estava ninguém. (E onde fica a galeria?)

Mas, adiante... Desporto violento como nenhum outro, só por verdadeiros desportistas pode ser praticado (suponha-se o que seria uma equipa formada por estivadores!)

...E o jogo decorria sem atritos. Equipamentos cheios de lama, já não se distinguiam os jogadores de um e doutro grupo. Pareciam... pareciam... (Bem, agora não me lembro

de nada parecido, mas até á altura de escrever o artigo, que tenho em mente, é natural que me ocorra).

A verdade é que eles despendiam um esforço imenso. As camisolas, encharcadas, pesavam arrobas e a bola então pesava toneladas. E os nossos raguebistas faziam tudo isto, sem a mais leve remuneração. Até pagam as passagens. Verdadeiros amadores! Grandes desportistas! E que grande artigo eu ia escrever, em sua homenagem.

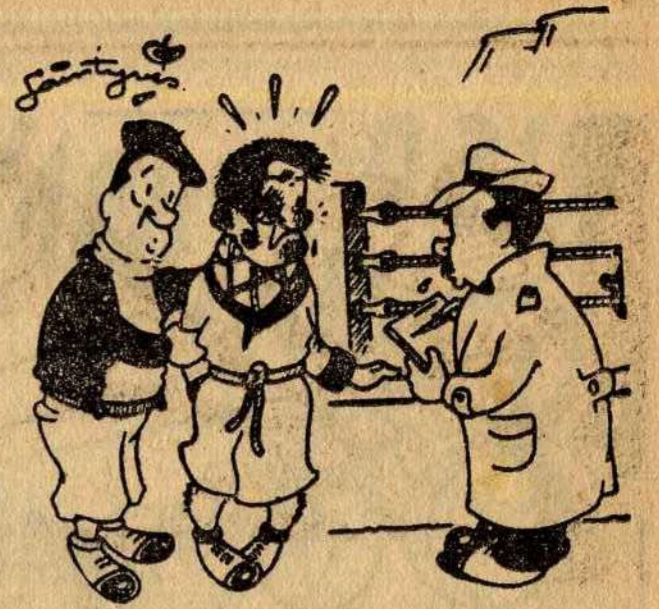
Não sei bem explicar como aquilo começou... Foi a seguir a uma «melée», mais ou menos confusa, que dois jogadores se travaram de razões. Os catorze restantes elementos de cada grupo correram a tomar partido pela da sua cor (que cor?) e os assistentes entraram também em cena, dividindo-se em dois grupos.

Em pouco tempo armou-se uma verdadeira batalha campal — ou melhor, uma batalha «naval». Alguns dos contendores começaram a ir a pique. Visivelmente, a «armada» que dipunha dos dois guardas-chuvas ia ganhando vantagem...

Entretanto, na barraca do guarda do campo — onde eu me refugiara — estabelecia-se diálogo:

O guarda: — Vê lá tu como os directores cá do clube são somíticos! Os rapazes andam

(Continua na 12.<sup>a</sup> pág.)



O reporter — Pode dizer-me qual foi a parte mais agradável do seu combate?

(Do «Paris Dimanche»)

## Risadinhas Desportivas

**A**NUNCIA-SE o aparecimento de dois novos jornais desportivos: «A Bandeirola» e «A Bota».

Realmente, depois da «Bola» e da «Baliza» o que é que a gente havia de esperar?

Estamos em plena época do aristocrático tenis, das emotivas regatas, da salutar natação... e dos profundos suspiros pelo regresso do futebol.

Continua a desenvolver-se muito o gosto pelo tiro reduzido, tiro aos pombos, tiro aos pratos e tira... daí a mão.

Este ano a unica modalidade desportiva em que não houve jogos internacionais foi o chinquillo.

## MAIS LUTA!

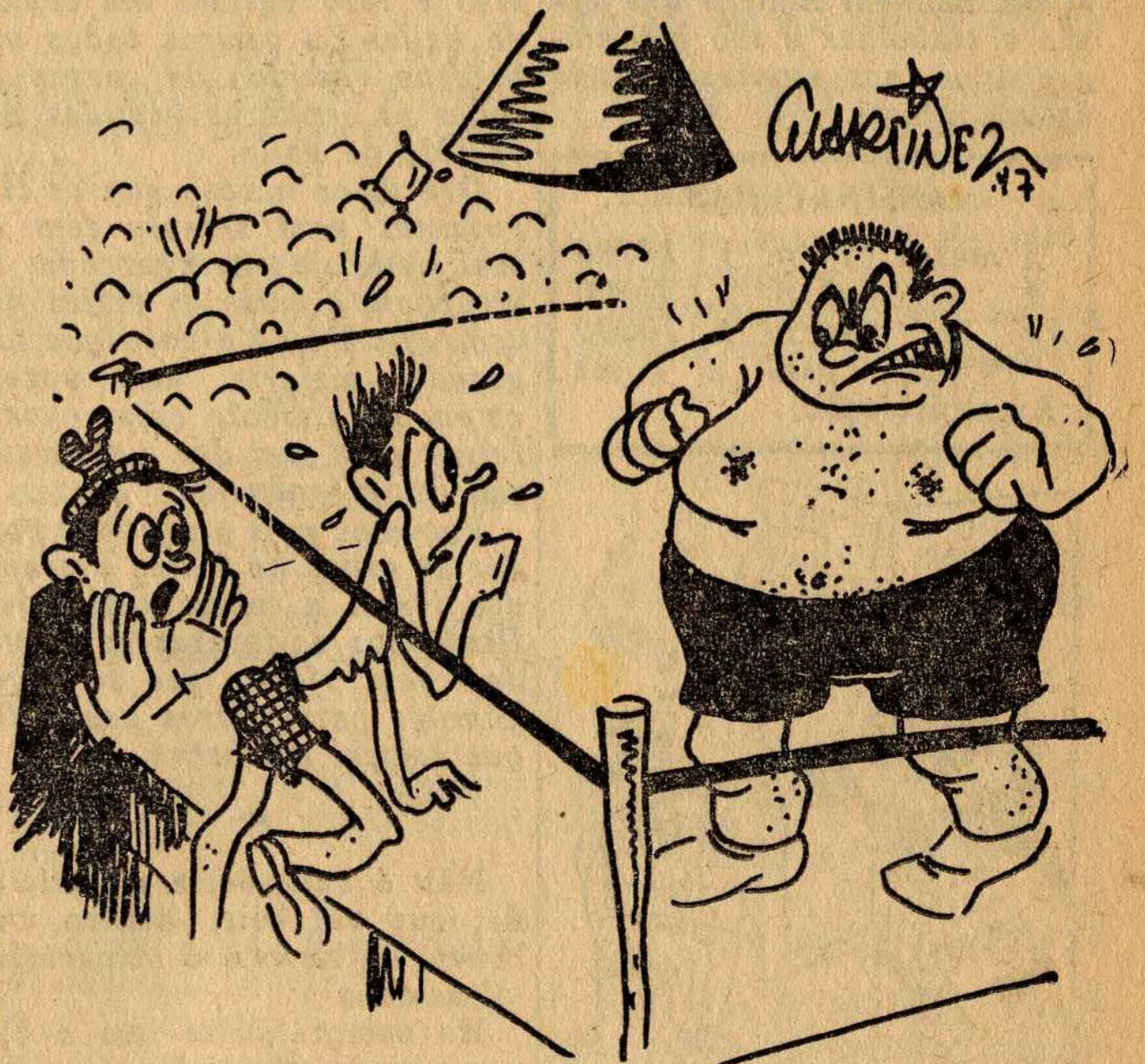
O leitor certamente dirá: «Livra!», por eu lhe apresentar mais uma vez a piada da «Luta? — Livra!». E tem razão. Confesso o meu fraco. Esta é realmente a minha gracinha favorita e não perco ensejo de a repetir.

Mas hoje vou ser muito breve. Quero só frizar que a «luta?-livra!» continua no Estádio Mayer, com crescente numero de adeptos... e de cadeiras partidas.

E o numero de adeptos cresce de tal modo que já começa a ser preciso um Estádio... mayor, com cadeiras de ferro.

O grande ídolo continua a ser o português José Luís. Passa-se com este homem um caso curioso, que desmente a afirmação de fragilidade do sexo feminino. Em tempos, praticou o pugilismo, onde nunca se notabilizou. Chamavam-lhe mesmo um *padeirão*. Agora dedica-se á luta e até parece uma *padeira*... de Aljubarrota. Todos o temem.

E enquanto ele não tratar da *saludes* aos demais companheiros e não atirar ó... chão os restantes *Ochoas* — a *luta?-livra!* continua... e eu continuo, todo contente, a poder meter esta piada da *luta?-livra!*



O Manager: — Não fujas! Não tenhas medo! Agarra-o pela cintura, levanta-o ao ar, dá 20 voltas e atira-o para fora do «ringue»!



Há coisas em que a inteligência do homem é, de facto, insuperável. Essa ideia magnífica de colocar no Jardim Zoológico, em frente das jaulas das feras, um varão que não permite às pessoas o chegarem-se perto dos terríveis irracionais foi adoptada nos teatros, com amplos resultados. Eu explico.

Esse varão está representado no teatro pelo seu congénere que separa o publico da orquestra e do palco.

Claro que, no Jardim Zoológico, se alguém passar para além dos varões arrisca-se a ser mordido pelos bichos. No teatro, se alguém passar para o lado de lá do varão, isto é, para os bastidores arrisca-se a ser «mordido» pelos... artistas.

Por isso nós apoiamos, inteiramente, essa ideia genial do varão a separar as feras das pessoas.

Continua a haver, no país grande parte de teatros fechados. Em compensação há muitos artistas desempregados.

Há também muitos que estão a trabalhar e são mal-empregados nas empresas onde se encontram.

#### ASSINATURAS

3 meses (13 n.ºs)	19\$00
6 » (26 n.ºs)	35\$00
12 » (52 n.ºs)	70\$00

Pedidos para a nossa Administração.



O do contra-baixo — Faça barulho, que assim não me entendo!

(Do «Ici Paris»)

O actor Manuel Lereño, afinal não rescindiu do seu contrato com a empresa do Ginásio...

Ele precisava de ser sereno em vez de Lereño, para resolver as coisas com mais calma.

No próximo mês vai para as praias uma companhia dirigida por Maria Matos.

Os ares da praia costumam fazer bem às companhias fracas.



A figuração das películas portuguesas peca, quase sempre, por demasia de pirismo. Não é raro vermos em cenas de bailes ou teatros todos os homens vestidos de casaca e todas as senhoras vestidas de vestido de baile.

Ora dá-se o caso que os figurantes nem sempre têm a facilidade de envergar com a elegância precisa os trajes de «soirée». Dá-se o caso que na grande maioria das vezes caem no ridículo estas cenas feitas para nos dar a impressão de imponência.

Façamos pois o possível por dar às cenas de bailes e grandes festas a maior realidade. Ponhamos os figurantes vestidos sem rigor, que se deve guardar para outros casos de que falarei em breve.

Não é verdadeira a notícia de que vai sair, dentro em breve, outra vez, o semanário «Cinema».

Eu sempre disse que o cinema ainda não tinha atingido a maioridade.

Nós vamos agora ver «Sintora», sem sair de Lisboa. Ve-

O tenor Domingos Marques e a bailarina Aracelia Coral farão parte do elenco que Octávio de Matos vai levar á América.

Mas mudam-lhes os apelidos Como o Domingos é quem canta adopta o Coral para si e deixa as Marqu... ações á Araceli.

Chang, o mago dos magos, que está contratado pelo Coliseu, transforma todos os metais em ouro. Tem ainda a facilidade de transformar as joias de ouro em... cautelas de penhor.

Não é o Ribeirinho quem vai ensaiar a revista «Tá bem ou não tá?» Claro que um ribeiro na «Avenida» só por graça! Ali querem-se é grandes caudais...

Então, ponham lá como ensaiador, o Villaret.

remos depois se conhecemos aquela linda terra.

Continua a lutar-se com falta de caras novas no cinema. Claro, querem que elas lhes vão ter a casa, em vez de as procurarem.

Devem estar colhidos, na Terra Nova, alguns metros de bacalhau para a película «Heróis do Mar», que Fernando Garcia dirigirá depois de fazer a «tragédia».

Pensa-se numa nova versão da película «Severa».

Onde é que vão arranjar fadistas, como os que haviam antigamente, para figurantes?

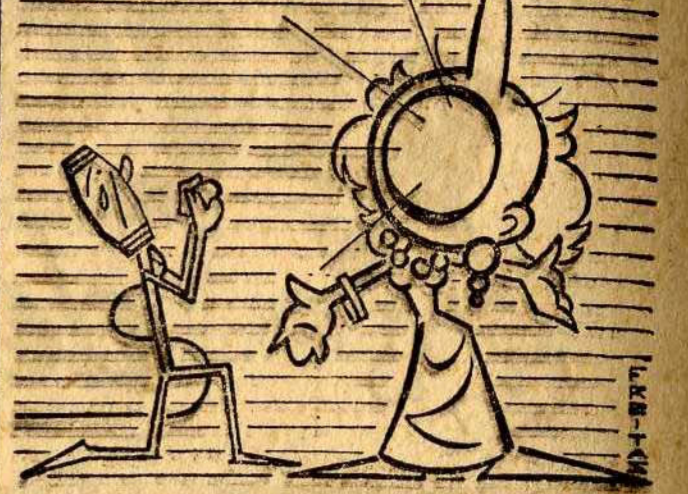
Eles agora só bebem leite e, em vez de frequentarem as tascas, só entram nas... pastelarias.

A «Lisboa-Filmes» continua sem ter o argumento musical que se propõe realizar.

Abram concurso, abram concurso e verão como eles aparecem.

Este ano estrear-se-ão 6 filmes nacionais. Os que não se estrearão são numeros.

## RISO AS ONDAS



As estações emissoras podem comparar-se ao complicado aparelho digestivo dos animais racionais.

Vou esquematizar esta afirmação, para melhor se poder compreender.

Os alimentos (artistas ou discos) entram pela boca (porta da estação) passam pela aorta (corredouros) e chegam ao estomago (sala de espera). Pela acção do suco gástrico (director artístico) transformam-se no bolbo raquidiano e passam depois aos intestinos (estudios) donde são expelidos, transformados em escrementos (ondas) através o final do dito aparelho (antenas).

Os aparelhos receptores exercem, neste caso, o papel de Oceano e é por essa razão que a eles vai desaguar tanta... porcaria radiofónica. (Não há excepção sem... regra).

Os jogos florais da Emissora revestem-se este ano dum brilho desabitual. Mas como nós lhe não ouvimos o brilho, o resto é habitualíssimo...

A Radio Graça está a fazer óptimas gravações.

Os «gravados» somos nós, afinal, que ouvimos sempre as mesmas gravações.

As Irmãs Meireles talvez não regressem a Portugal. Menos três na nossa rádio!

A Rádio Renascença pensa imitar determinados programas de publicidade do Rádio Clube Português.

Imitar, imitar, imitar, sempre o mesmo disco. (Este não é gravado pelo Graça!)

A locutora brasileira Maria Eduarda anda agora a actuar em diversos postos centralizados.

Sempre pensámos que o cruzeiro estivesse melhor cotado.

DIAMANTINO

## Graça doutros tempos

## A ENTREVISTA

**F**AZIA um frio capaz de rachar a pedra filosofal. Com mil precauções abri a porta do cançado, introduzi-me no jardim e, atravessando a rua principal toda ladeada de Donas Hortensias, fui esconder-me ao pé da capoeira.

Ela, tinha-me dito:

— «A' meia noite irei falar contigo ao pé da capoeira. Mas olho e muita cautela... Se meu pai nos surpreendesse, matava-te... mataria-me também.»

Nisto deu meia noite e um quarto. Para passar o tempo ia pensando naquela aventura. Encontrara a minha *ela* no seu gran, isto é: no Grandela. Comprava meio metro de seda *Liberty, Fraternity and Equality*, para fazer um papo para uma blusa. Vê-la e cair-lhe no papo foi obra dum momento. Ela olhou-me e, como sou belo e irresistível, não me resistiu. Senti que ela me amava e segui-a até a casa. Ia acompanhada por uma matrona, que soube depois ser a sua mamã dela. Escrevi-lhe. Respondeu-me que sim, que me corresponderia com todo o entusiasmo, — pobre criança imberbe! — mas recomendou-me o máximo cuidado. O pai era um homem terrível, que odiava os namoros e tinha jurado solenemente que o primeiro que apanhasse a geito o mandaria desta para melhor.

por ANDRÉ BRUN

enfim tinha um génio pior que os assassinos da Senhora Dona Inês de Castro.

Nisto deu meia noite e meia hora.

— «Ela não vem... E se eu me fosse embora? perguntava eu aos meus botões.

Estes como meus amigos, tiraram-me tal tenção da cabeça.

— «Não vás. Olha que encontras o pai e levás uma coça que nem o cadáver se te aproveita.

Estava gelado de frio e de medo... que a pequena viesse a ter algum desgosto por minha causa e continuava a pensar na minha aventura.

Eu, que nunca gostei de ver bater em ninguém, fui ficando, e assim passaram os quartos, as meias horas, as horas, até que, às três da manhã, tendo já as pernas em sorvete e a saliva em carapinhada, decidi-me a ir-me embora. O' fatalidade! O' desgraça! Mal tinha dado três passos na claridade do luar, eis que uma sombra se perfila diante de mim. Era o pai. Não morri, porque com a temperatura que estava tinha todo o meu sangue frio.

(Continua na 15.ª pág.)



— Depois de passar vinte anos a aturar a minha mulher, creio que me podem considerar membro do Movimento da Resistência!

(Do «Le Canard Enchaîné»)



— Chefe! Aqui lhe trazemos o bandido que era preciso capturar!

(Do «Paris Dimanche»)

## FLECHAS

**H**A' pessoas tão benévolas que para não partirem a cara dum fulano deixam que lhe partam a sua!

Houve um criminoso que ao morrer vítima dum atropelamento disse o seguinte: «Só uma coisa lamento!... não ter sido eu próprio o meu assassino!»

Há quem afirme que toda a gente nasce com uma estrela. Mas eu afirmo mais! Eu cá nasci na Estrela!

— O pássaro mais feliz — dizia um caçador — é o boi... justamente por não ser pássaro!...

A boa música tem a propriedade de despertar os inteligentes e de adormecer os estúpidos.

Como é bonita a cidade quando nós estamos no campo!

Como é bonito o campo quando nós estamos na cidade!

A idiotice varia consoante as latitudes e a idade de cada idiota!

Idiota é um homem cheio de ideias... idiotas!

Há médicos analfabetos!...

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

— os jardineiros, os médicos das flores!

Conheço um sábio que descobriu o elixir da longa vida! Foi pena ter morrido aos 30 anos duma indigestão destras!

O caminho mais curto entre dois pontos é a curva... para os bebados, claro! Para os outros deve ser a circunferência.

Santos Fernando

## ANEDOTAS COM MULETAS

Bonifácio: — Minha mulher não tem nada de parva, fica sabendo.

Anselmo: — Então, porque demónio casou ela contigo?

— Aqui tem a fotografia dos dois filhos gémeos...

— Mas... só vejo um!

— E' que... como são iguais... não valia a pena retratar os dois!...

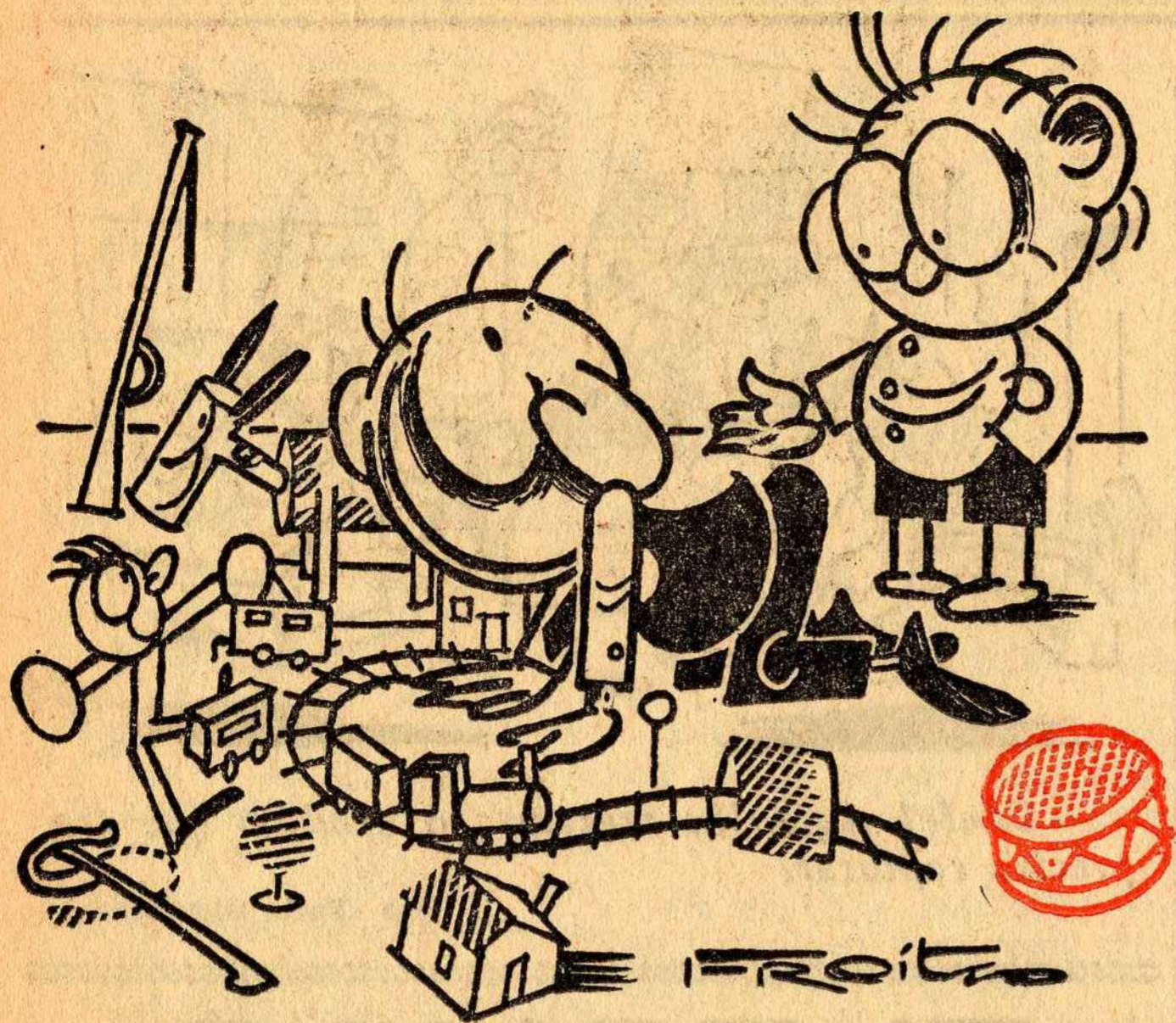
Mãe: — Oh! senhor doutor, que grande susto que tivemos! Julgámos que o Chiquinho tinha engulido uma libra.

Médico: — E viram que não a tinha engulido, afinal de contas?

Mãe: — E' verdade; vimos que tinha sido só uma moeda de dois tostões!

Luciano: — Qual é a melhor maneira de descobrir o que uma mulher pensa de nós?

Ricardo: — Casar com ela.



— Papá, deixas-me brincar contigo?

## RISO AS FATIAS

**N**UNCA pergunte se é servido, a qualquer pessoa que esteja presente quando das suas refeições. Por dois motivos: primeiro porque partindo do princípio que essa pessoa não é parva, aceita com toda a certeza. Segundo porque posso resolver fazer-lhe uma visitinha, e não te já que me dar de comer.

★

Atravesse sempre em linha recta.

Para quê? Para não morrer-mos em diagonal?...

★

Um pensamento humorístico não é mais que um tremelique nervoso do autor.

Quando vejo uma rapariga com as pernas arqueadas, nunca deixo de exclamar: lá vai uma a precisar de talas!...

★

Se algum dia lhe acontecer estar a falar com um amigo e um cãozinho vir junto dos seus pés regar-lhe os calos, se dere pela humidade nunca diga, aqui há gato! Pode o cão não gostar, enraivecêr-se e pregar-lhe uma dentadinha.

★

Está mais que provado que não há nada como a ginástica para o desenvolvimento do esqueleto.

Há uns que a condenam sem piedade e outros que a defendem com ardor. Para estes vão os meus mais vibrantes aplausos e a oferta de uma li-

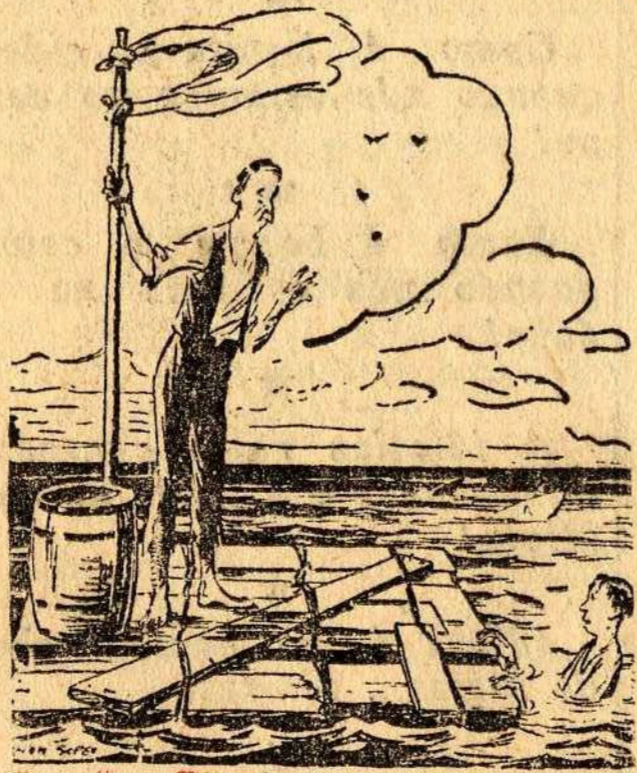
ção de ginástica da minha autoria.

Posição de sentido; levante a perna direita até á altura da cabeça, e conserve-a nessa posição. Agora com muito cuidado para não cair vá levantando a perna esquerda e coloque-a a par da direita. Se se dequilibrar, puxe uma cadeira e caia sentado é mais cómodo e não doi tanto, se a cadeira for estufada, é claro.

★

Quando entro tarde em casa, a santa daminha sogra repete sempre as palavras que o meu guarda-noturno me dirige quando acabo de o chamar batendo as palmas: já la vou!...

Américo José Giro



Antes que suba, cavalheiro, acho que é meu dever preveni-lo de que estou um pouco atacado de gripe.

(Do «The Novel Magazine»)

## UM CONTO

**N**ASCEU num dia 29 de Fevereiro, e como é natural, o ano era bissexto. Talvez porque raras vezes se nasce num dia que só há de quatro em quatro anos, toda a sua vida, com preocupações, alegrias, tristezas, foi influenciada pelo calendário.

Direi mesmo que se Chesterton o tivesse conhecido, escreveria um romance intitulado: «O Homem que tinha a mania que era calendário».

Ao dia 1, ele sentia-se abatido, magro, esquelético, tuber-

culoso, raquítico. E ao dia 8, sorria prazenteiro, achava-se gordinho, e nem se lembrava que esse dia, era para muitos, o das grandes preocupações: pagamento da renda da casa. No dia 3, via-se ao espelho e achava-se imensamente marreco, e no dia 5, fazia ginástica, para tirar a barriga. A 4 de cada mês, embebedava-se, para fazer um quatro, e ao dia 7, deixava crescer o bigode, para estar parecido com o numero. A 11, fechava a mulher em casa, com um supersticioso receio; a 13, tomava narcóticos

## MEMÓRIAS DA MINHA

por M. M. S.

**A**CHO que é absolutamente indispensável o Prefácio, num livro. O publico leitor, de há muito se habituou a não ligar nenhuma a essa meia duzia de páginas impressas em itálico, que parecem estar ao princípio do livro, dispostas a contrariar a vontade de quem lhe pega e se quer embrenhar directamente no assunto que o autor versou.

Mas está tão habituado, dizia, que o Prefácio tornou-se uma necessidade de carácter definitivo, tão definitivo como os cigarros... «Provisórios».

Ora, antes de mais nada, convém prevenir os leitores do seguinte: «Memórias da minha Mocidade», é um livro! Sim, o facto de vir espalhado aqui nas páginas centrais, sem fazer o volume de papel das «Caras Pintadas», de Pittigli, ou das «Onze mil virgens» de Jardiel Poncela, não é caso para não o considerarem um livro.

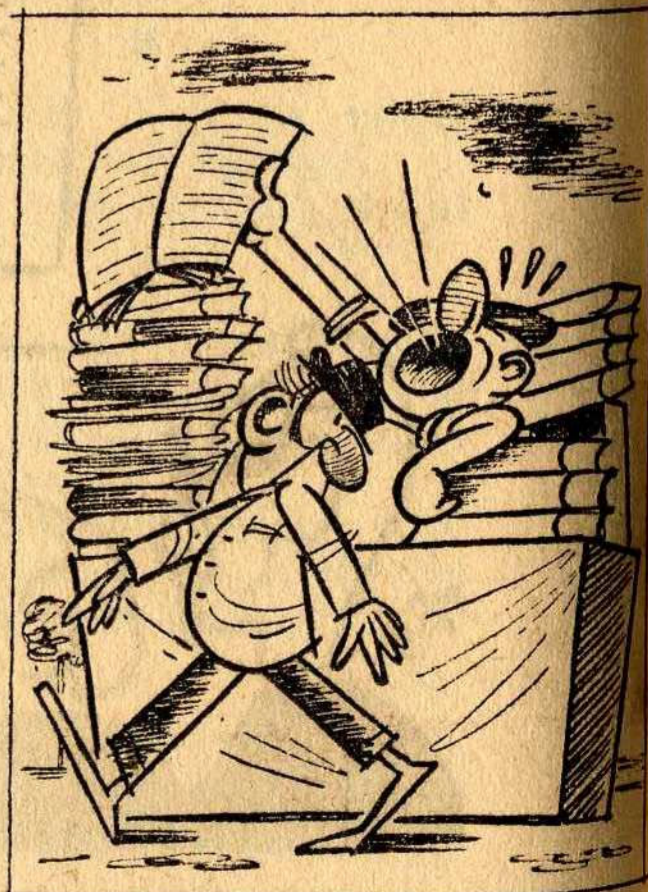
Poderia dizer-vos, que ele seria em breve publicado, mas como estou á espera que morram todos os ilustres humoristas portugueses, que tiraram assinatura perpétua nos editores, não posso calcular com precisão o tempo que levarei a dar á luz... da publicidade, o meu primeiro livro. Diz-se de passagem, suponho que será compasso de espera para mais de nove meses...

Ora, se estamos em presença dum livro, estamos em presença dum Prefácio. E o que é o Prefácio? Quem o escreve? o que versa?

Duma maneira geral, o autor do livro vai ter com um amigo literato, de nome já firmado e pede-lhe para fazer o Prefácio. O amigo, diz mara-

vilhas da categoria do autor, (muitas vezes a 1.<sup>a</sup> edição é para pagar dívida antiga ao homem do itálico), diz que o tema está «bestialmente» bem tratado, e que augura um exito inexcedível ao futuro da obra... (em geral, este exito é assinalado pelo aparecimento dos exemplares, a vinte e cinco tostões, nas padiolas dos vendedores de rua).

Pois eu, graças a Deus, não tenho amigos literatos, desses que frequentam a Brasileira do Chiado, com uns ares superiores, muito superiores ao seu valor real, nem devo nada a ninguém, pelo menos que me lembre... E portanto, como não tenho ninguém que me faça o Prefácio, encarrego-me de fazê-lo, já que o leitor não dispensa o costume de passar



— Olha o rico papel para embrulho, cá estão as «memórias» a 1\$00 o quilo!...



# SEM TITULO

para estar todo o dia na cama. Entre o dia 7 e o dia 8 jogava o «sete e meio», a feijões, a 31, não saía de casa, com medo de arranjar algum «trinca e um» e em datas de revoluções, fazia jejum, por recear alguma revolução... de intestinos!

Usava bengala em todos os dias 9, ao dia 12, comia tudo as duzias; a 22 de cada mês, só se metia em carros eléctricos capicuas e não ia dormir em casa por morar no numero 1 — uma capi... quase... Ao domingo, vestia-se de criado

de servir ou de tarata e saía assim para a rua.

A' segunda-feira, vestia-se de papel, convencido que era um jornal desportivo; á terça-feira ria que nem um alarve, por ser o dia de saída do Riso Mundial; todas as quartas-feiras dava conselhos aos amigos, convencido que era o Olavo d'Eça Leal, no programa «Quere um conselho»?; ás quintas-feiras, em calçãozinho e de bibe, ia visitar o Jardim Zoológico; infalivelmente, ás sextas-feiras, não fazia nada, e ao sábado fechava-se dentro duma gaveta, a partir das 13 horas, convencido que era um escritório em regime de semana inglesa.

Um dia, reparou que ainda não arranjava ocupação para as sextas-feiras, e morreu numa delas, murmurando numa derradeira frase, cheio de alegria:

— Até que enfim! Hoje é sexta-feira e já tenho que fazer!

Puseram-lhe uma lápide na campã-fria: «Aqui jaz o homem, que inspirou um conto sem título a

MARIO ALTO

## MOCIDADE

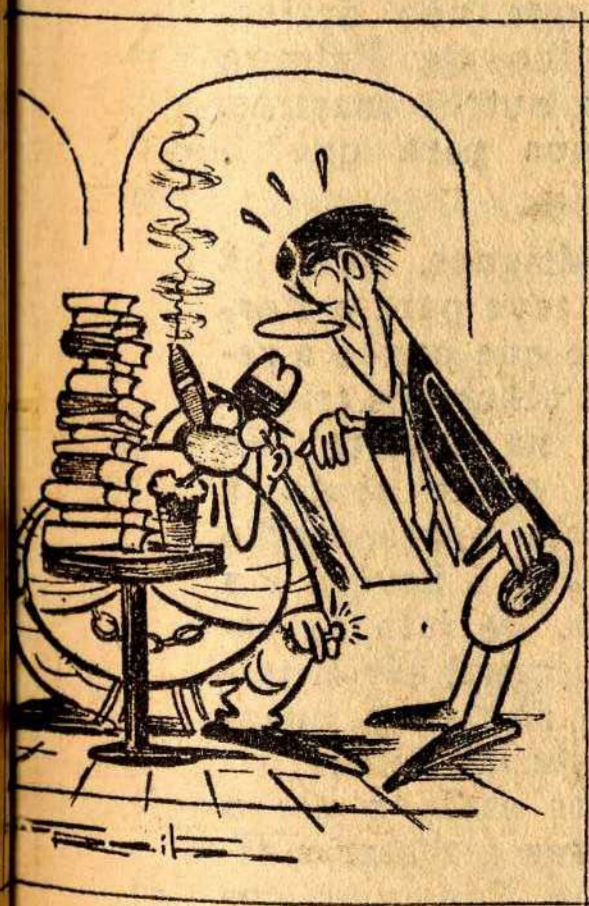
por cima destas linhas, como não por vinha vindimada. Sem ofensa para os cães...

★

O autor, é um jovem cheio de talento—como diria o Manuelzinho, jornalista cinematográfico muito auto-elogiado — e tem-se distinguido na moderna geração de humoristas, graças á sua graça e á benevolência de quem o lê.

Muito novo ainda, só viveu um quarto de século, mas já em muito que contar, tanto ou mais que um contador da Companhia das Aguas, com maior numero de anos de existência. «Memórias da Minha Mocidade», é um livro digno de figurar entre a literatura humorística de todo o Mundo...

O leitor não hesitará em recomendá-lo aos seus amigos, antes de ir pô-lo na «Barra» (Continua na 12.<sup>a</sup> pág.)



«V. Ex.<sup>a</sup> por acaso não seria capaz de me fazer um refáciozinho?»...

## O decálogo do humorista

1.<sup>o</sup> — Ama a tua arte acima de todas as coisas. Se ela for bem paga, é claro, porque trabalhar por «amor á arte» não dá nem para «pitrol».

2.<sup>o</sup> — Nunca ponhas o teu nome em vão. E' um bom principio habituares-te á ideia de seres responsável pelas borra-cheiras que escreves.

3.<sup>o</sup> — Guarda os domingos para os outros. O humorista tem que ter laracha até no dia de Finados...

4.<sup>o</sup> — Honra o pai ou a mãe dos artigos que adaptares. Lembra-te que são teus filhos adoptivos e têm que ser estimados como se fossem legítimos.

5.<sup>o</sup> — Não mates os personagens ao fim do conto. O publico gosta de que tudo acabe bem.

6.<sup>o</sup> — Não roubes as ideias aos outros, para que não te roubem as tuas.

7.<sup>o</sup> — Guarda a castidade da tua prosa. Olha as Ligas Pró-Morais!

8.<sup>o</sup> — Não cobices os exitos dos outros. Lembra-te que tu também eras capaz de fazer os

diálogos do «Zéquinha e da Lélé»...

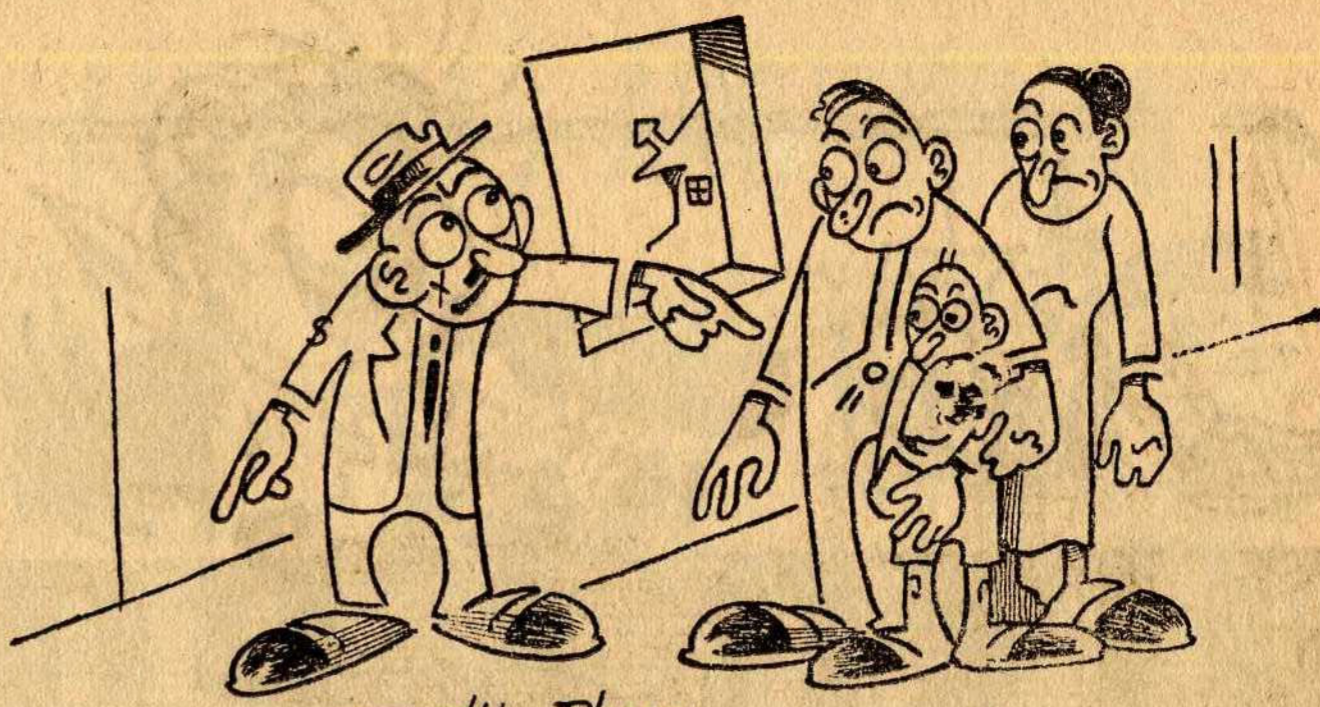
9.<sup>o</sup> — Não levantes falsos testemunhos, sem a certeza de que o conto que julgas ter sido plagiado, foi de facto plagiado...

10.<sup>o</sup> — Não desejes as mulheres dos outros. Lembra-te que elas dão fartos motivos para artigos cheias de inspiração...



— Não repare, cavalheiro! O meu marido acostumou-se de pequeno...

(Do «Cucu»)



— TRILHOYBLANCO

— E' o que eu vos digo. Esse vosso filho nunca há-de morrer!

— Essa é boa! Então porquê?

— Porque não tem onde cair morto!

## O meu destino é a água destilada

### ACTO I

A cena representa uma mercearia no «bas-fond» de Hamburgo. Num canto, a treinar o chinquillo, vê-se João. Entra Ilsa.)

Ilsa — João, João!

João — (Imperturbável) — Dá cá um balão Para eu brincar!

Ilsa — Choro lágrimas de sangue e tu matem-te imperturbavelmente cínico, João!

João — Perdão, Ilsa, perdão! Foi involutariamente que eu te ofendi! (Abraçando-a) Pede-me o que quiseres Ilsa, meu amor!

Ilsa — Quero cinco tostões de rebuçados de mentol e 125 de manteiga Argentina!

### ACTO II

A mesma cena.

João — Decididamente não nasci para isto! (Entra Petersília)

Petersília (Num gesto lancinante) — João!

João — (Correndo para Petersília) — Petersília, querida Petersília! Que queres? Fala!

Petersília — Já veio o azeite deste mês?

João — Bolas! Decididamente não fui feito para isto. Vou-me despedir. (Fazendo o que diz) Adeus, Adeus!

### ACTO III

A cena representa uma farmácia. Ao fundo uma teia de aranha. A' direita baixa, João, de bata branca, solucionando um problema de palavras cruzadas em cochichês.

João — Há vinte anos que tento solucionar este problema, e ainda não consegui escrever uma única palavra. E' verdade que eu não sei cochichês, mas enfim... (Entra Lucília)

Lucília — Boa tarde! Avie-me esta receita.

João (Pegando na receita onde se lê Sulfato de Sódio) — Custa a decifrar esta letra; (soletrando) Clori...dra...to... de morfi...na. Cloridrato de

(Continua na pág. 14)



## RISO do PORTO

### COISAS DO PAFUNCIO

**P**ASSOU bem? Faça favor de entrar!... Então por cá hoje?

E a D. Genoveva, a esposa do nosso amigo Pafuncio (eu digo «do nosso amigo» porque tenho a certeza de que os leitores já o incluíram no rol das vossas relações mais amistosadas), enquanto me indicava uma cadeira, chamava em altos brados pelo marido.

— O senhor desculpe — co-

## FACTOS FEITOS

**A** semelhança do que sucede em Lisboa, o Porto também vai ter postos oficiais de fruta. Ora até que enfim que se vai poder descascar uma pera... sem termos que largar a pele no tendeiro!

★  
O cortejo histórico não vem ao Porto. E' asneira! No fim de contas a deslocação ficava, relativamente, barata. Era só mandar o material, porque a figuração cá se arranjará. Nem precisariam de enviar os camelos, que eu podia indicar uns, que conheço, em muito bom estado de conservação...

★  
No Porto vigoram, presentemente, os 2\$50 de multa aos parólos que não saibam andar. Portanto cautela, senhores piões! Agora têm de andar... «de faniqueira atrás»...

★  
Vai desaparecer a Estação de Trindade... Vai-se construir a Praça de Touros... A Piscina vai ser um facto... O' diabo! Assim também não vale! Em que é que os revisteiros e os humoristas depois não-de-pegar?...

mentava a D. Genoveva — mas o meu Pafuncio meteu-se no quarto com o Cócás e não sei o que estão a fazer que não há maneira de saírem de lá!

— Quem é, oh Genoveva? — ouviu-se o Pafuncio lá dentro.

— E' aquele senhor do «Riso»!

— Ah! Que entre, que entre!...

E a D. Genoveva lá me indicou o quarto onde o Pafuncio e o Cócás se entregavam a uma actividade suspeita e desconhecida do resto da família. Entrei e fui dar com o Pafuncio de cócoras, enquanto o Cócás, com a coberta vermelha da cama, chamava touro ao pai, sem respeito nenhum pela progenitora. Pafuncio avançou e o Cócás saudou-me com uma «verónica» toda salerosa.

— Então que é isso, oh Pafuncio! — disse eu. Então

você transformou o quarto do Cócás no Campo Pequeno?

— Isto é para fazer a vontade cá ao pequeno — respondeu o Pafuncio. Como ouviu dizer que iam ter uma Praça de Touros sá na cidade, não ensinei a arte de Gaona. E agora é isto! Passo os domingos a fazer de Miura. E o certo é que o meu Cócás aprendeu depressa.

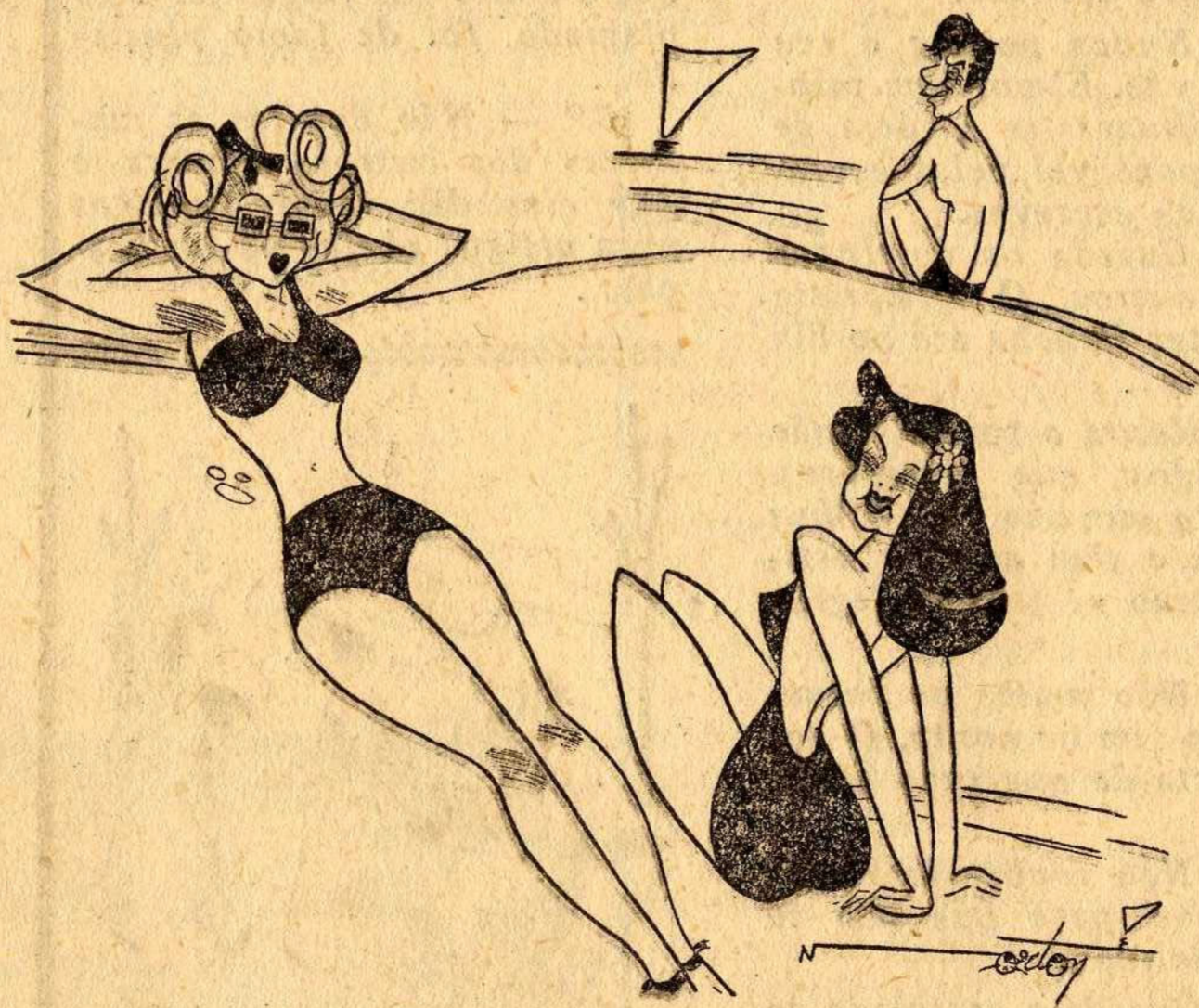
— Aprendi, aprendi! — confirmou o encantador Cócás. Olhe: isto são os «ferros»!

E o Cócás mostrava ufano os ferros da cama que o pai aguentava no cachão, cheio de disvelo paterna!

— A coberta, como viu, é o «capote»! A cama é a «trincheira». Isto é a «montera»!

E o Cócás enfiava na cabeça aquele receptáculo que se

(Continua na 12.ª pág.)



— Vais tomar banho agora, depois de comeres?

— E porque não?

— Talvez te faça mal!

— Não tenhas cuidado! Só comi peixe. Não há nenhuma incompatibilidade entre o peixe e a água!

## NOTAS & ECOS DA RIBALTA

**J**á se encontra no Porto a companhia que, no «Sá da Bandeira», levará á cena a opereta «O Passarinho da Ribeira». Com ligeiras alterações, esta companhia é quase a mesma que, na ultima época, nos ofereceu «Os Vareiros». Dela faz parte uma rapariga tripeira que o Porto ainda não viu. Mary Delly. Da rádio passou ao cinema e ás variedades e destas ao teatro, com uma velocidade espantosa. Vamos lá a ver se a sua actuação no «Passarinho» será de molde a justificar tal velocidade... A propósito: porque se chamará Mary Delly? Será por ter um nome que a envergonha artisticamente? Contudo há nomes portugueses bem bonitos com que se poderia crismar!... Oh, esta mania do estrangeirismo!...

★  
Pois, em Lisboa, vi eu, na peça «A Casa», no D. Maria II, uma rapariga nova, para mim, que se me afigurou uma futura grande artista. Pelo menos a sua actuação na «A Casa» foi de molde a justificar os encómios acima. Pois sabem como se chama ela? Manuela Bernardo! Isto de uma rapariga jovem e graciosa, como ela é, se chamar Bernardo, não é um grande cartaz, nem tem atractivo nenhum. Mas que interessa isso se existe talento e unhas para a carreira? Necessitará a arte de se embrulhar em papel e seda para ser grande? Oxalá que ela viesse, sempre com este rótulo: Bernardo!, e que fosse do quilate da dessa gentil rapariga que não deslustrou o trabalho de Palmira Bastos e dos outros mestres. Estrangeirismos para quê?...

★  
Amália Rodrigues, que, há pouco tempo, teve para o Porto uma atitude que pouco a recomendou aos olhos dos tripeiros, aparecia na revista «Se aquilo que a gente sente...» precedida duma apresentação que a comparava á Severa e a Maria Vitória. Se isto se escrevesse num jornal sério, talvez os leitores se rissem, quanto mais num jornal humorístico. Os leitores estão a ver o dr. Julio Dantas a tratar a figura de Amália Rodrigues como símbolo da apregoada canção nacional, ou não estão?!...

EDURISA FILHO



### O JUIZ E O JORNALISTA

Villemessant, o famoso jornalista, fundador do «Figaro», de Paris, gostava de contar a seguinte anedota:

Nomeado como testemunha dum assunto, no tempo do Império, esperava há muito tempo que o juiz de instrução o introduzisse no seu gabinete; e acabei por dizer ao porteiro:

— Previna o sr. dr., que se não me chama daqui a cinco minutos, volto para o meu jornal onde tenho muito que fazer...

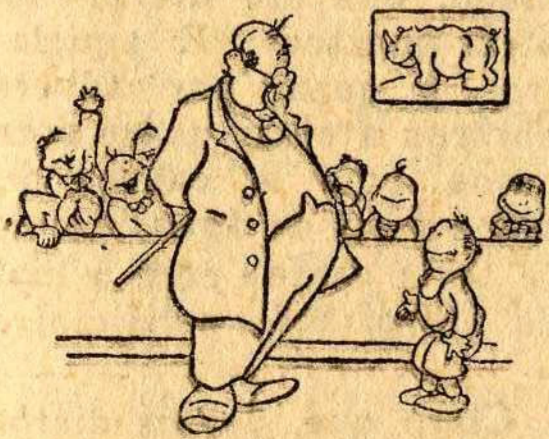
O juiz, que tinha escutado, saiu como um ciclone do seu escritório, e interpelou Villemessant:

— Senhor — disse-lhe —, você espera aqui, até me dar na real gana. Não sabe até onde vai o poder de um juiz de instrução? Se amanhã eu convocasse o príncipe Napoleão e ele não aparecesse, eu podia mandá-lo buscar pelos gendarmes.

— Pois bem, senhor, se eu estivesse no seu lugar, não mandaria prender o príncipe Napoleão, que em caso de morte do príncipe imperial, será o herdeiro do trono, e que além disso é senador, general de Divisão, e governador da Argélia!

— O senhor não me compreende — replicou o juiz — eu disse «se eu quisesse... poderia...»

— Enfim, o senhor fará o que quiser — disse fleumáticamente Villemessant; — mas ir deter o príncipe desse modo é muito grave!



— Diz-me Joãozinho: Qual foi a pior coisa do Dilúvio Universal?

— Foi não se ter inventado ainda o guarda-chuva!

(Do «Caras y Caretas»)

— Mas eu não tive essa intenção, nem um minuto!

E o jornalista, prosseguiu:

— Quando o imperador souber que o senhor quer prender o seu parente mais chegado...

— Mas não! Nada disso! — gritou o magistrado preocupadíssimo.

— No que me diz respeito — respondeu o jornalista impassível — não deixarei de contar aos leitores do «Figaro» o que o senhor me acaba de comunicar, e darei ao artigo, o seguinte título: «Provável detenção do príncipe Napoleão».

O juiz, aterrado, mandou o jornalista entrar imediatamente; e logo que terminou o interrogatório, acompanhou-o até á porta, suplicando-lhe que não repetisse a conversa a ninguém...

(Traduzido e adaptado do «Caras y Caretas»)

## CASAR OU NÃO CASAR...

Alguém, dirigiu-se a Sócrates e perguntou-lhe:

— Devo ou não devo casar-me?

— Faça o que fizeres — contestou o mestre — arrepende-te-ás!

— Diz-me Diógenes, em que idade se pode uma pessoa casar?

— Olha: na juventude, é muito cedo e na velhice é muito tarde!

O governador de Gaiçon, não queria casar, nem queria que lhe falassem nisso. Aos que lhe faziam ver as conveniências de formar um lar, respondia que estimava tão pouco a vida, que nunca pensara em compartilhá-la com alguém...

O príncipe de Ligne — o primeiro partidário do amor condicional — dizia que só depois de nove anos de expe-

riência conjugal, se devia realisar o matrimónio definitivamente...

— Bem, então manda-se tapar a janela.

— Essa agora! Como quer o sr. o que eu veja o que se passa em casa dos vizinhos?

— Bem, então manda-se tapar a janela.

— Bem, então manda-se tapar a janela.

— Bem, então manda-se tapar a janela.

— Bem, então manda-se tapar a janela.

### O RONCADOR

Alfredo de Musset, grande lírico de França, escreveu uma obra intitulada «Um capricho», que se representava certa noite num teatro de Paris, com grande satisfação dos espectadores. Porém a delícia do publico, durou pouco tempo. Num dos camarotes, um cavalheiro elegantemente vestido, que usava uma perinha

ruivo-prateada, ressonava alto, incomodando todos os espectadores. As pessoas que estavam mais próximas, tentaram despertá-lo, mas sem resultado, tendo que intervir o fiscal que o mandou por fora, pelos criados. Cumprida esta ordem, a representação continuou, sendo muito aplaudida, chamando o publico insistentemente, pelo autor, ao palco. O pior foi quando este appareceu. E' que o senhor da perinha ruiva, que tinha ressonado descaradamente, era o próprio de Musset.

### ELE TINHA RAZÃO

Entra um cliente num restaurante, e depois de se sentar, chama o criado, e diz-lhe: — Quer dar-me de comer por favor?

— Sim senhor. Menu completo?

— Venha o menu. Depois de lho servirem e de ter comido até ao ultimo prato, levantou-se e dirigiu-se para a porta.

Ao ver que não pagava o almoço, o criado chama-o aflito, ao que o homem responde:

— Não lhe perguntei se queria dar-me de comer, e você não me disse que sim? Para pagar, não precisava de lhe perguntar nada!

Protende ser assinante de  
**RISO MUNDIAL**  
Mande-nos nome e morada para a nossa administração.



Ela — Ah! Eduardo, agora me lembro, por te ver aí, que não apanhei a roupa posta a enxugar no quintal, antes de sairmos de cas-

Traduzido e adaptado de «Caras y Caretas»

# O RISO NA PROVINCIA Memórias da minha mocidade

## VALE DE CAMBRA:

No lugar da Agualva, freguesia de Arões, concelho de Vale de Cambra, habita um sujeito, cujo nome se desconhece e aparenta ter uns 58 anos de idade bem puxados.

Este homem, cuja profissão é barbeiro, todo o dinheiro que recebe, passados minutos gasta em bebidas alcoólicas, como sejam vinho e aguardente, que são os da sua preferência, o que lhe vai arruinar a sua saúde.

Como certo dia se achasse adoentado teve necessidade de mandar chamar o médico, o qual passados o máximo duas horas, já se encontrava á porta da residência do barbeiro.

Depois de o examinar convenientemente o médico disse-lhe que tinha uma pneumonia, bem assim uma costela fracturada, duma queda que tivera.

Acabada a receita nomeou-lhe vários remédios; entre os outros estava nomeada a papa de linhaça para deitar todos os dias, sobre a costela.

O bebado, ouviu falar em linhaça, mas não percebendo bem exclamou:

— Vinhaça! Mas que grande ideia, doutor!

NEL

## TORRES VEDRAS

— Diz-me coisas, diz-me coisas, amigo Zé.

— Já foste á feira?

## COISAS do Pafuncio

(Continuação da 10.<sup>a</sup> pág.)

guarda debaixo da cama...

— E ali, naquela porta, é o «curro»!

— Ali — comentou o Pafuncio — é onde dorme a minha sogra.

— Só faltam as «chócas» — disse o Cócas. A mãe e a avó não querem brincar!...

— Muito bem! — disse eu. Não os quero massar, nem interromper e vou-me embora...

— Não massas nada! Eu até estou morto que eles façam a prometida Praça para ver se o rapaz vai lá aos domingos e me deixa em paz.

— A praça? Meu caro Pafuncio: temo que ainda tenhas que fazer de touro durante muitos domingos...

— Não!

— Então não vás.

— Porquê?

— Ora, porquê! Agora que nós já podíamos passear livremente, agora que já podíamos ver a Montanha Russa, andar á roda, sem que alguém estivesse á nossa frente, agora que já podíamos ver o que é que as barracas continham, é que tudo está a desarmar. Não há direito! Até a barraca dos bombeiros foi desarmada.

— A barraca dos Bombeiros? Então os bombeiros, as mangueiras, os carros e eteetra, também lá estavam?

— Não! O que lá estava era uma tasca com bombeiros a servir. Junto á porta estava este aviso: Pare! Fogo! Nunca vi um tal nome, que condissesse tão bem, com tal casa...

Pois nós entrávamos; bebíamos um copo, bebíamos outro, (o que estava dentro do copo e não o copo, evidentemente), e começávamos a arder com dinheiro, a arder com dinheiro, que era uma desconsolação ver, e o fogo apagava-se, quando não tínhamos mais dinheiro para arder...

Orlando Amoroso das Neves

(Continuação das páginas centrais)

teira» do Carmo, onde o comprarão para vender em segunda mão, ou na drogaria da esquina, que o adquirirá a peso, e nas suas folhas pesará... tostões de «cloreto».

A carreira do autor, tem sido mais fulgurante, que a Carreira da Estrela-Circulação, e se ainda não foi nomeado doutor honoris Causa» pela Academia da Laracha, é porque, á falta de vagas, ainda não foi aberto concurso entre os humoristas da nova geração.

A Editorial Qualquer Coisa, conta hoje com mais um valor, na sua vasta galeria de monos pintados a pastel e o livro de M. M. S. Veio enriquecer as casas de banho de quem o levar para casa.

Muito mais teríamos a dizer neste Prefácio, mas receamos fazer concorrência ao pouco espírito do autor, que ainda terá que mostrar a sua falta de graça por mais duzentas e tantas páginas adiante.

Portanto, tal como no jogo do «sete e meio», quando se tem seis e meio em quatro cartas e a próxima cheira a estoi-

ro, eu «fico-me». Além de que, ninguém melhor que o leitor, poderá apreciar a obra que tem nas mãos, se neste momento ainda não a atirou para o lado...

Assim, minhas senhoras e meus senhores, dou por terminado o Prefácio desta noite. A caneta volta a abrir amanhã á mesma hora, neste mesmo comprimento de espaço, e entre os capítulos salientaremos «Naquela noite», que será transmitida ás 10 da manhã.

Despeço-me de todos vós, desejando uma boa recepção ao nosso colega que se segue: M. M. S., o rá... io do autor! (Toca a marcha da Estação, alguns compassos e corta).

No próximo numero: «Naquela noite»...

## História dum artigo

(Continuação da 5.<sup>a</sup> pág.)

todos á «pera» por causa de um «melão». Custava-lhes muito dar um «melão» a cada um. Malandros! Aventuretos!

A mulher: — Palavra que é por causa de um «melão»? Que disparate! Ainda se fossem batatas...

O guarda: — Não sejas estúpida!

A mulher: — Estúpido és tu! E «voou» uma tijela de barro... que me apanhou em cheio no olho esquerdo.

A muito custo, o árbitro ainda conseguiu que o jogo recomeçasse, para o interromper pouco depois, dadas as «meiguices» que se sucediam.

Vi um, a brincar ao Carnaval, agarrar outro pela cabeça a este ponto, um espectáculo de lama pela boca abaixo. Outro serviu-se também da lama para esfregar os olhos a um adversário.

Andava lá um tão escangalhado, que até lhe chamavam «três-quartos». E aquele outro, a quem um adversário obrigou a estar quase três minutos com a cabeça dentro duma poça de água, não sei se se teria «safo» com a história da «respiração artificial».

Claro que, depois disto, desisti de fazer o tal artigo que tinha em mente.

Quanto ao olho — estou melhor, muito obrigado!

CARLITOS



— Mas porque é que o meu marido vem a chorar?

— E' porque vem um bocadinho... alegrote!

# CASTANHOLAS GRACA ESPANHOLA

## DO RISO

### ARNALDO e PANDOLFO

Novela de ódios Medievais

POR CERO

**A**MBOS os castelos tinham as suas ameias, as suas pontes levadiças, os seus pátios de armas. Sobre a porta alta do Castelo dos Pandolfos, e por baixo do escudo que representava um osso atravessado, havia esta divisa: «Se vires um Arnaldo, dá-lhe logo um caldo!» E por baixo do escudo do Castelo dos Arnaldos, em que se via uma águia com barbas, podia ler-se: «Se um Pandolfo encontrares, é para o esfolares».

Os castelos estavam separados por uma estreita focha de terreno, sobre a qual estava pintada a fronteira, toda cheia de carabineiros armados com armaduras de ferro e latão. O ódio ancestral dos seus habitantes, tinha constantemente terríveis consequências.

Bastava que algum membro da família dos Pandolfos cometesse a imprudência de chegar a uma das janelas que davam para o castelo dos Arnaldos, para que, imediatamente o Conde Arnaldo, os seus parentes, guerreiros e servidores, se puzessem nas janelas a deitarem a língua de fora, até os obrigarem a retirar envergonhados.

Se o que assomava á janela era um Arnaldo, os Pandolfos atiravam-lhe caroços de azeitona e cascas de ovo, entre grande chacota.

Um dia, o Conde Pandolfo, sentiu curiosidade em ver se descobria qualquer coisa estranha no castelo do seu inimigo e com todas as precauções, espreitou com um olho pela frecha da janela. Imediatamente, não pôde reprimir um grito. Na fachada do vizinho havia e caiu ao chão, sem sentidos, um grande cartaz, em letra gótica, que dizia: «Do Arnaldo é o lema: Que o Pandolfo é palerma!»

o seu ministro de confiança e encerrou-se com ele numa sala. Três dias depois, saíram sem poderem dissimular a sua  
Quando voltou a si, chamou  
(Continua na 14.ª pág.)

## O SENHOR FELIX

O senhor Félix entrou numa taberna e abrindo espaço entre os bebedores, dirigiu-se ao taberneiro:

— Qual é o melhor vinho? O branco ou o tinto?

— Os dois são excelentes, cavalheiro. O que quer: Um copo ou uma garrafa?

— E para que quero eu um copo ou uma garrafa?

— Como o senhor perguntou que qualidade de vinho era a melhor...

— Isso não é razão! Então se lhe perguntasse que horas eram, o senhor tinha que dar-me o relógio?

O taberneiro, que não esperava semelhante pergunta, balbuciou:

— Mas é que aqui não se vendem relógios...

O senhor Félix gritou: — Ora essa é boa! Mas quando é que eu disse ao senhor que aqui se vendiam relógios?

— Não. Eu é que disse que...

— Você pode dizer o que quiser, mas eu não sou nenhum saloio, que confunda uma taberna com uma relojoaria...

— São bem diferentes! Na relojoaria há relógios...

— Isso é outra asneira! Então eu, que levo um relógio, sou uma relojoaria!

O taberneiro, já um bocado maluco, disse:

— Não. Você é um senhor.

— Nunca na minha vida, ouvi tanto disparate seguido!

**U**MA senhora, a quem morreu o marido repentinamente, sai para a rua dando gritos, e chorando. Juntou-se grande quantidade de gente, á sua volta e um polícia que se encontrava entre a multidão, perguntou-lhe: — Não calcula, qual foi a causa da morte de seu marido?

— Não sei bem. Eu penso, que como ele homem muito distraído, se tenha esquecido de respirar.

Um amigo pergunta a outro a idade.

— Não sei — respondeu o interpelado.

— Como? Não sabes a tua idade?

— Meu amigo; eu conto o meu dinheiro, as pratas, as minhas malas, porque tenho

medo, que me as roubem; porém como não temo que tirem alguns anos, não tenho o cuidado de contá-los.

— Que queimado vens do passeio; como se conhece bem, que estiveste a tomar banhos de sol. Estás moreno!

— Enganas-te. Não saí de casa!...

— Então que fizeste? Pintas-te com iodo.

— Nada disso; é que bebi muita cerveja preta.

Um proprietário duma joalharia, pai de alguns rapazes já crescidos, tinha o cuidado de entregar a loja ao cuidado do mais velho, durante as primeiras horas da tarde, enquanto ia jogar para o café do Jockey Clube.

Um dia entra o filho, muito apressado e chama o pai:

— Pai, quero falar-lhe.

— Espera um momento. Passam alguns minutos.

— Pai, tenho muita urgência.

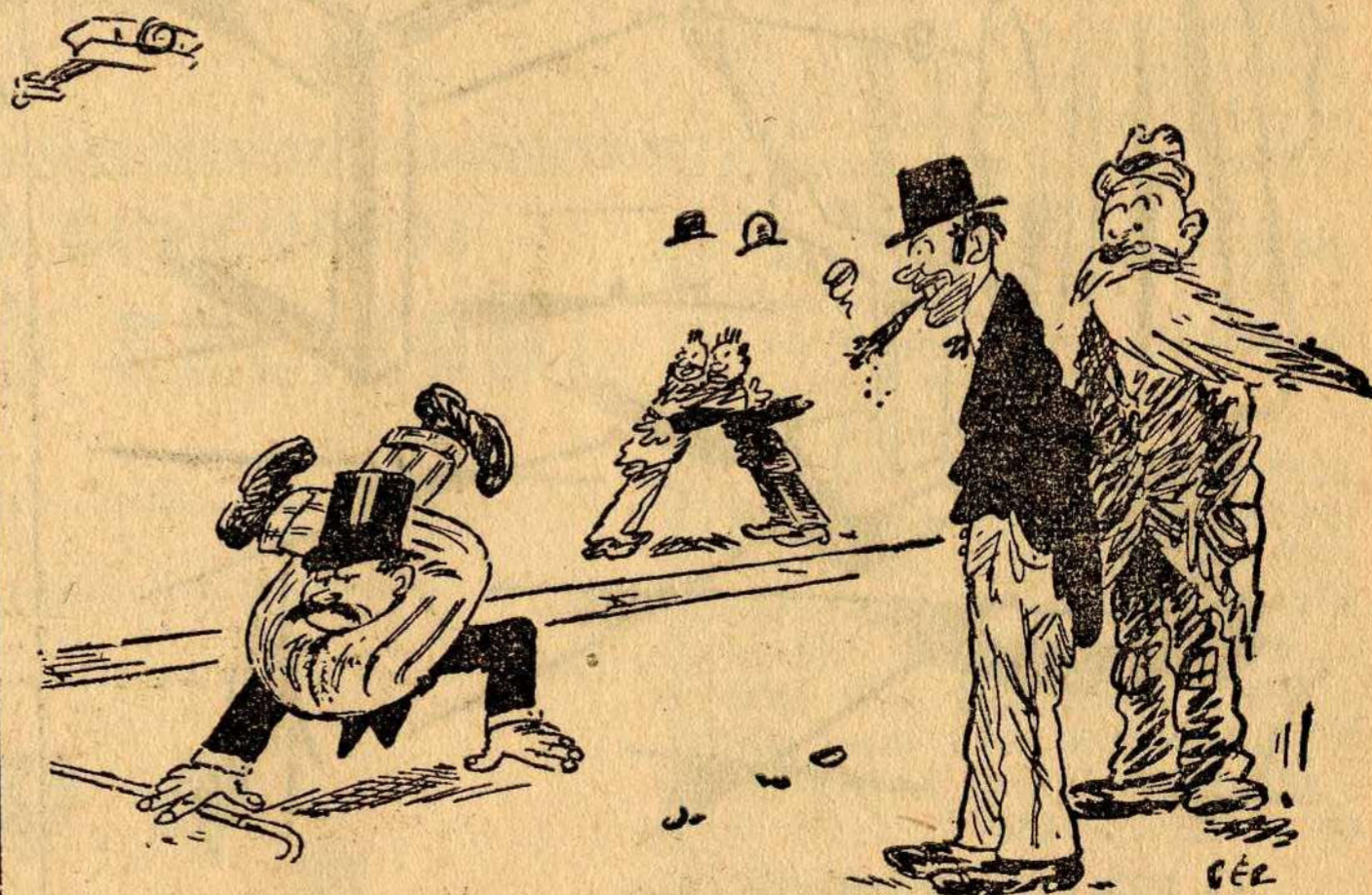
— Espera que termine.

— Mas... queria dizer-lhe, que um cavalheiro armado dum acetate, entrou na loja, partiu o vidro, roubou da montra o melhor relógio, e fugiu. Que devo fazer pai?

parecer que é estúpido, e não estou para perder tempo a ouvi-lo dizer asneiras!

O senhor Félix, abriu, de novo, espaço entre os bebedores e saiu furioso da taberna.

(Traduzido e adaptado da «Codorniz»)



O que aconteceu ao contorcionista de circo, que se esqueceu da maneira como se desenroscava...

# O meu destino é a água destilada

(Continuação das páginas centrais)

morfina! (Embrulha um tubo de sublimado e entrega-o a Lucília) aqui está! Lucília paga e sai. Entra Delfina)

Delfina — Encha-me este frasquinho com álcool, sr. João. (João enche-o de ácido sulfúrico)

João — Aqui tem o seu óleo de ricino! (Delfina paga e sai)

(Lucília entra de novo)  
— Lucília — Sr. João, sr. João! Que droga é esta que vocemecê aviou, que o meu patrão morreu de a tomar?

João — Deixe ver. (Lendo). Sublimado. (Alto) Deve ser aspirina!

Lucília — Bem, deixa-me ir ao cangalheiro!

João — Olha em que sarilho em me fui meter. (Limpa o suor). Noutra não caio eu. Daqui para o futuro vou passar a vender apenas água destilada. (Entra Gisela)

Gisela — Boa tarde, sr. farmacêutico. Podia aviar-me 20 gramas de arsénico para matar os ratos!

João — Sim senhora. (Entregando um frasquinho com água destilada). Aqui tem o seu bicarbonato de sódio! (áparte). Indiscutivelmente O MEU DESTINO. É A ÁGUA DESTILADA!!!

TEODORICO

# ARNALDO E PANDOLFO

(Continuação da 13.ª pág.)

satisfação. Na manhã seguinte, o Conde Arnaldo, ao deitar uma disfarçada olhadela para o castelo do seu inimigo, leu um enorme cartaz:

«Arnaldo, ao ver este conde, como uma rata se esconde».

Tiveram que pôr sanguessugas ao conde Arnaldo. Sentado num «maple», meio paralítico pelo desgosto, reuniu os seus pintores e cronistas, que redigiram outro cartaz, que foi colocado na fachada do castelo:

«Hei-de Pandolfo matar. Basta-me só assoprar».

Pandolfo, empalideceu ao lê-lo e esteve uma semana en-

tre a vida e a morte. A sua resposta, inventada por ele, o melhor humorista da época, foi: «O Arnaldinho é tão feio, que tem nariz de metro e meio!»

Uma terrível cólica hepática atacou o conde Arnaldo. Aquela guerra sem quartel, foi minando a saúde de ambos os inimigos. Exércitos de humoristas, pintores de tabuletas e sábios, inventavam para ambos os nobres, as mais engraçadas laráchias, as mais astutas insinuações e as mais pérfidas ironias.

Um dia, o Conde Arnaldo, velho, enfermo, cheio de gota, não pôde resistir á leitura dum cartaz que dizia:

— «Dizem que o velho Conde Arnaldo, comprou o título num saldo.»

Uma síncope atira-o para o chão, gritando: «Opróbio e vilipêndio!» Tinha morrido...

Pouco pôde disfrutar da sua glória, o conde Pandolfo! A leitura do ultimo cartaz de Arnaldo, foi um rude golpe para ele:

«Pandolfo fez o solar, com pedras que foi roubar».

Três dias depois morreu, no meio de grandes sofrimentos e gritou: «Calunia e Escarne!»

Passaram-se meses, e o jovem conde Cloaldo, sucessor de Arnaldo, entrou numa pastelaria da vila próxima, para lanchar um pudim flan, e encontrou a jovem condessa Pandolfa, filha de Pandolfo. No dia seguinte, na fachada do Castelo de Arnaldo, via-se este cartaz:

«Quem eu vi ontem na tenda, era uma moça estupenda».

Outro cartaz, na manhã seguinte, rezava assim, na fachada de Pandolfo:

«Era um bonito galã, o que comia o «flan».

Depois de trocarem outros significativos cartazes, appareceu este:

«Pandolfa, eu só te digo: tu queres casar comigo?»

A resposta não se fez esperar:

— «Vem até mim, meu Romeu, senão quem lá vai sou eu!»

Casaram-se, fizeram uma galeria que comunicava com os dois castelos, anularam a fronteira e despediram os cronistas, pintores de tabuletas e humoristas...

(Traduzido e adaptado de «La Codorniz»)

**HABILITE-SE  
A 1.000\$00**

## POESIAS ALEGRES

### Noite de núpcias ■ por FERRO D'ENGOMAR

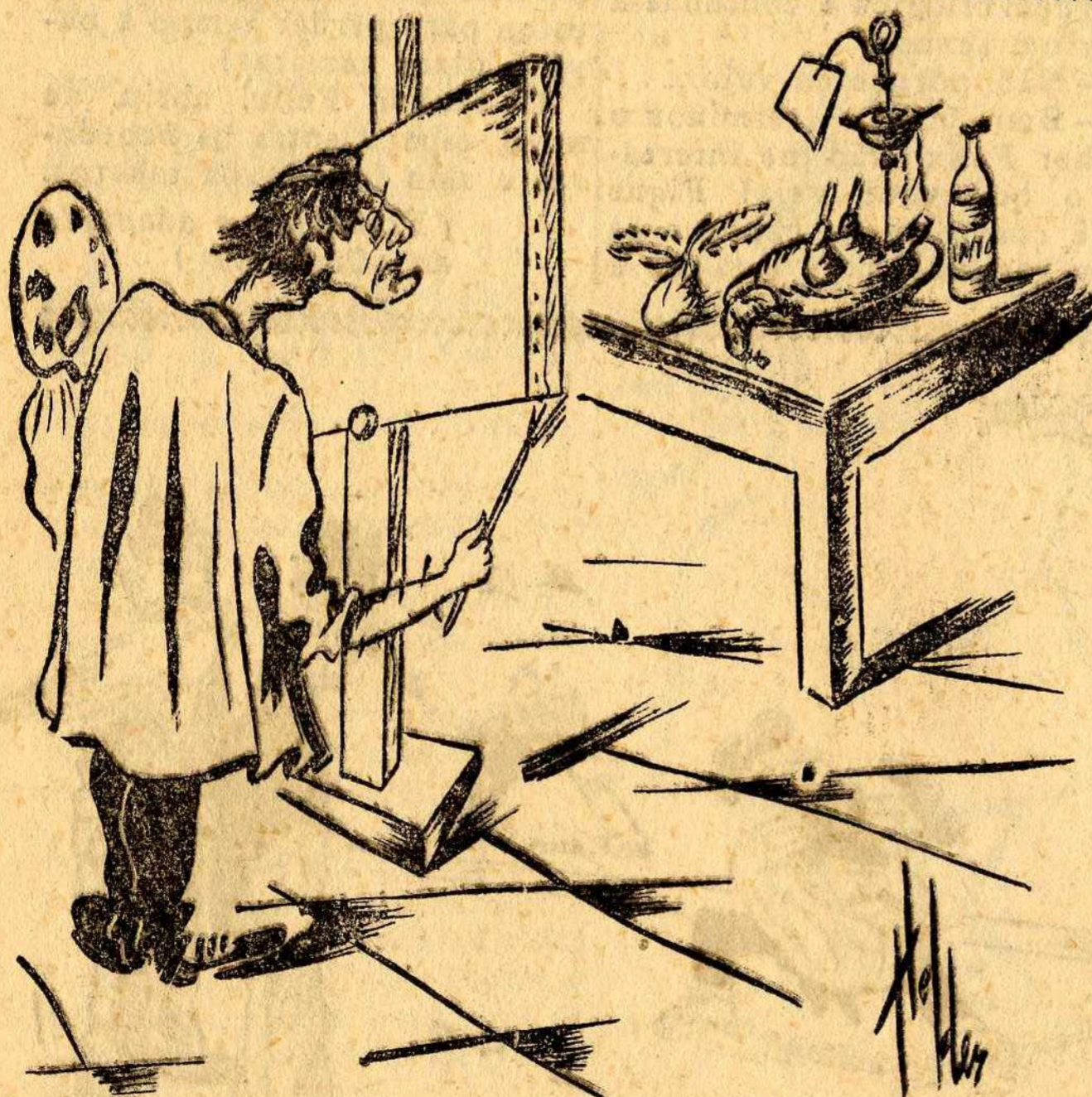
Sebastião  
teve o azar  
de morar  
numa rua concorrida.  
E p'ra mal da sua vida  
os festejos,  
os cortejos,  
marchas e bailláricos,  
o homem dos mangericos,  
trens históricos  
e ranchos folclóricos,  
passavam de noite  
e dia  
numa louca tarantela  
e tremenda confusão,  
por debaixo da janela  
do pobre Sebastião!  
Mal o sol nascia  
Iam foguetes  
p'rao ar  
de arripiar.  
Vinha logo, sem demora,

muita gente  
a cantar,  
Toda contente,  
que era muito bom marchar  
com S. Vicente  
de Fora.  
E passavam matulões  
Com grandes balões  
na ponta de enormes paus,  
tocando ferrinhos  
e cavaquinhos  
mais berimbáus...  
E Sebastião  
numa grande aflição!  
A' noitinha  
quando lhe vinha  
a saudade  
de se mexer na caminha,  
via a casa  
assaltada,  
arrombada,  
escancarada

por multidão desvairada  
quase sem lhe falar  
se  
ia a correr debruçar  
na janela da sacada!  
Mas p'ra maior confusão  
Sebastião,  
Para matar seus desejos  
de viver acompanhado,  
resolveu,  
dar o nó abençoado  
numa tarde de festejos...  
E no dia do casório  
houve bailes, foguetório.  
Um cortejo ia passar  
Lá bem pertinho da toca,  
E os muitos convidados,  
entusiasmados,  
Resolveram não sair  
nem que os corressem  
á mocá...  
Foram as horas passando  
E o pobre Sebastião  
e a sua cara metade  
lá andaram, coitadinhos  
muito compungidos  
com a travessa dos bolinhos  
sortidos...  
Foge o sol e vem a lua  
e ninguém se vai embora  
e se ajoita  
a dar o fora...  
Era  
meiu-noite  
quando o cortejo  
começou a passar  
Sebastião  
Teve então,  
num suspirar,  
a esperança vã  
de enfim sós  
irem desatar os nós  
ás três horas da manhã.  
Mas  
o derradeiro convidado  
partiu de madrugada...  
E então,  
Sebastião,  
Ao ver-se só  
com a sua amada,  
respirou aliviado,  
emocionado,  
muito contente...

... ..  
... ..  
... ..  
E' escusado dizer  
O que deve perceber  
Toda a gente.

Sebastião,  
cansado de esperar,  
a correr  
foi-se deitar  
e dormiu  
profundamente!...



O PINTOR ESFOMEADO:  
— Não seria melhor eu pintar isto de memória?

# A CONFERÊNCIA DO ILUSTRE PROFESSOR

(Continuação da 3.<sup>a</sup> pág.)

conferência: «Refrangibilidade das correntes emulsionatórias como determinativo da excitação sociológica da psique». Os aplausos estalejavam.

Rómulo Matias apoiou fortemente as peludas mãos sobre a mesa e com voz estentórea lançou:

— «A legitimidade do crime subconsciente incoerente dessa Besta — O Homem».

Pela sala correu um frêmito de estranheza.

O monte de carne que presidia puxou aflito pela manga do Grande Homem:

## REPORTAGEM A RIR

(Continuação da 2.<sup>a</sup> pág.)

Informou-me o comandante, de que estávamos a 1.500 metros de altitude! Formidável! É fantástico como ainda há tanto patolo, que olha do cimo do elevador de St.<sup>a</sup> Justa, para a rua do Carmo, convencido daquilo ser muito alto!

Nesta ocasião, as tais pequenas «assistentes», (com uma assistência daquelas, não me importava de ir jogar o «catch» para o Estádio Mayer!), vieram oferecer-nos refrescos. Tomei uma laranja Baía, (para alguma coisa me serve fazer textos para os programas da A. P. A.), e distrai-me com a paisagem.

Ah rapazes, que bom é andar lá por cima! Não há regras de trânsito, nem cartazes com avisos, nem passageiros a andar pendurados em eléctricos, nem nada. Ali, o espaço é de todos. Corta-se o espaço às fatias, e vai uma para mim, outra para ti, outra para quem a apanhar. O céu azulinho, os campos verdes, os mares da côr que sempre tiveram e as assistentes — perdão — e as casinhas muito lindas, muito brancas, muito pequeninas, muito... (reticências reservadas para o gosto gramático do leitor).

Depois a descida, muito suave, sem paragens de meia hora, para fazer descer as canastras das peixeiras, sem ter que se puxar o cordão que faz tlim, tudo limpinho, higiénico, salutar.

É não me havia de sentir borboleta!

EL-CHIEF

— «Mas não é a Refrangência...» — ele não o deixou terminar, prosseguiu indiferentemente:

— «Que coisa pavorosa é ser-se humano! Que horror não perpassou pela minha mente apocalíptica quando ao nascer me disseram que me daria o diminutivo de Pipi e que era o «rei dos animais»! Tive horror e asco de mim mesmo e cuspi na fralda, ante a indignação dos elementos zoológicos que me cercavam.

«Data de então a aberração espasmódica do nervo sensitivo da imagem retiniana intrínseca que um coeficiente reversível da ressonância infetna vibrava retrocedendo num movimento elíptico do pensamento, através do qual o vácuo infrene da fragilidade se dilatava pela camada das recordações da massa encefálica e miudezas limítrofes!»

A assistência maravilhada ficou-se suspensa sem se atrever a sacar das pevides e amendoins que trazia para a ocasião...

Rómulo, o bigode tremendo como uma grossa de meninas histéricas, a queixada agressiva, os olhos chispando melhor que os fósforos «Caravela» (sem desprimor para a Companhia) deu duas punhadas na mesa, que fez beicinho sem se atrever a chorar, cuspiu nas mãos, por isso não pagou multa), passou-as pelo crâneo robusto e seguiu:

«Tenho um ódio eivado de desprezo por esses palhaços do pensamento: filósofos, grãos-doutores, economistas, sociólogos, penhoristas, toda essa escumalha atroz, que semelhantes a galos, que lançam de quando em quando um «ó-có-ró-có de ciência!». Os espectadores levantaram-se e aplaudiram frenéticos ulando:

Bravo! Bravo! Os doutores na mesa, murmuravam convictos:

— «Eis um grande génio, pilar forte da verdade do pensamento contemporâneo».

Abraçavam Rómulo enquanto ele continuava:

— «Sim, uns galos lançando có-có-ró-cós» e por sua vez gritou em voz potente por entre o entusiasmo da multidão:

— «Có-có-ró-có! Có-có-ró-có!» vermelho e possesso repetia cada vez mais sonora e forte, imitando perfeitamente os galos:

— «Có-có-ró-có!»

Nisto, uns indivíduos vestidos completamente de branco, que ninguém notara, lançaram lá do fundo:

— «Cá-cá-rá-cá! Cá-cá-rá-cá!» — semelhantes a galinhas.

E um duelo de cacarejos se estabeleceu amistosamente entre os indivíduos e o «ilustre conferencista». Ninguém compreendia o que estava sucedendo.

Os tais sujeitos aproximaram-se e filaram o «sagaz e distinto» sábio.

O Presidente da Mesa altamente confuso inquiriu:

— «O que é isto?»

— «E' este tipo que fugiu do Manicómio e tem a mania que é «galo» respondeu tranquilamente um dos enfermeiros.

A confusão foi indiseritível. Calma e soturnamente um jovem ancião trazia um papel na mão que colocou com precaução na dita do Presidente. Este abriu o telegrama:

«Impossível ida. Assunto inadiável. Reiteradas desculpas» assinado «Dr. Rómulo Matias».

F I M

## ATENÇÃO

COM a mudança do dia de saída do nosso jornal, alterou-se também o prazo de entrega dos boletins do concurso «Há Horas Felizes».

Esta semana, excepcionalmente, o prazo é até sábado, às 12 horas, e, a partir da outra semana, a entrega é até a sexta-feira e o envelope fechado às quartas-feiras, mantendo-se para ambos os actos (de abertura e «fechadura») as horas que estão em vigor.

## GRAÇA doutros tempos

(Continuação da 7.<sup>a</sup> pág.)

— «Que faz o senhor aqui?» — berrou ele com uma voz de trovão, apontando-me ao peito uma pistola de três canos.

— Eu... eu

— O senhor não tem cara de ladrão. Já sei o que veio cá fazer: desinquietar a minha filha! Não é verdade?

— Perdão... Eu...

— Não negue. Ela marcou-lhe uma entrevista?

— Sim, senhor.

— Introduziu-se no meu jardim?

— Sim, senhor.

— Ela acedeu ao seu convite?

— Sim, senhor.

— E não apareceu?

— Não, senhor.

— Pois bem... isto não fica assim.

Comecei a rezar a oração dos finados e a lastimar que um rapaz tão meu amigo morresse assim na flor da idade. O homem não largava a pistola e escumava de cólera.

— Desde quando está o senhor aqui?

— Desde... a... meia-noite.

— Ah, miserável!...

— Perdão...

— Não é de si que se trata.

E' daquela atrevida, Fazer esperar um cavalheiro ao frio desde a meia noite até às três horas! E ela no quente!... Mas fica por minha conta... Vai levar duas sapatadas, que lhe hão-de ficar de memória... E V. Ex.<sup>a</sup> desculpe, que ela não se demora.

(Condensado do livro «Cada um pior», de André Brun)

### BOLETIM DO CONCURSO: «HÁ HORAS FELIZES!»

Nome: .....

Morada: .....

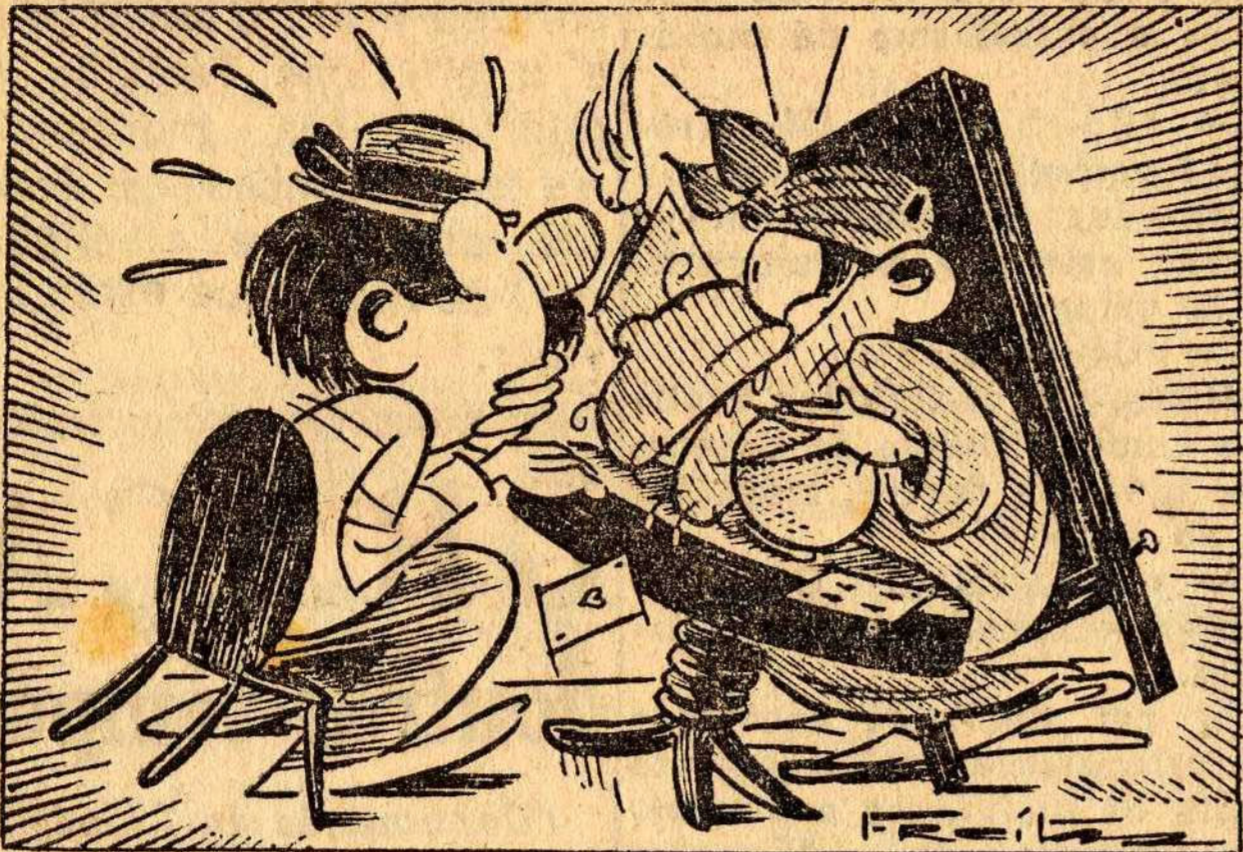
94

Preencher, recortar e enviar á redacção.

Os diálogos radiofónicos da Lélé e do Zêquinha estão a ser publicados pelo jornal «Os Ridículos»

Têm alcançado grande êxito os diálogos radiofónicos da Lélé e do Zêquinha, simpático casal lisboeta criado pelos consagrados humoristas Aníbal Nazaré e Nelson de Barros e interpretado pela gentil actriz Irene Velez e pelo popular actor Vasco Santana. Se deseja possuir a colecção desses diálogos, revivendo, na sua leitura, os momentos de boa graça portuguesa que a Lélé e o Zêquinha proporcionam todos os domingos, basta-lhe adquirir o popular bi-semanário humorístico «Os Ridículos», que asseguraram a sua publicação em rigoroso exclusivo na Imprensa.

NOTA — Desta vez as vítimas da semana, fomos nós, ainda que com muito prazer...



A Bruxa: — Vejo no seu futuro, muitos cabelos brancos, cavalheiro... A sua salvação estará no KÓRÓL, essa maravilhosa loção progressiva, á venda nas Perfumarias MIMOSA e ROSA D'OURO — Rua Áurea.

O Cavalheiro: — Ai, Q'ALÍVIO!... Vou já comprar duzentos frasquinhos!

## AÍ VAI A RESPOSTA!

Eduardo Pinho (Porto) — Você está enganado. No outro jornal, cuja redacção chefieei, só lhe publiquei anedotas e não contos. As anedotas que enviou, aproveitam-se. «Adivinhas», são piadas já muito conhecidas. «Porque detesto Schubert» é compridíssimo, tem a graça suficiente e não me parece redigido por quem redigiu as «Adivinhas». Estas mal, aquele bem, muito bem mesmo. Pode explicar-me o mistério?

António Trindade (Coimbra) — Essa de me comparar a Bernard Shaw, é uma boa piada. O meu amigo, já não sou humorista! Sinto-me triste e sem alegria, não há larcha...

«O homem que julgava ser bombeiro» foi apagar um pe-

VAI PARA FÉRIAS?

LEVE CONSIGO

RISO MUNDIAL

3 MESES — 1985

quenino incendio ao fundo do cesto de papeis.

José de Sousa (Porto) — Você continua a ser o homem das boas ideias para bonecos e do traço irregularíssimo. Peço-lhe uma vez mais que trabalhe no sentido de se aperfeiçoar e não no de ver trabalhos publicados.

Além de tudo, não podemos publicar «meias tintas». Só bonecos a preto e branco, pois usamos a zincogravura.

Agradeço os seus elogios, que não mereço.

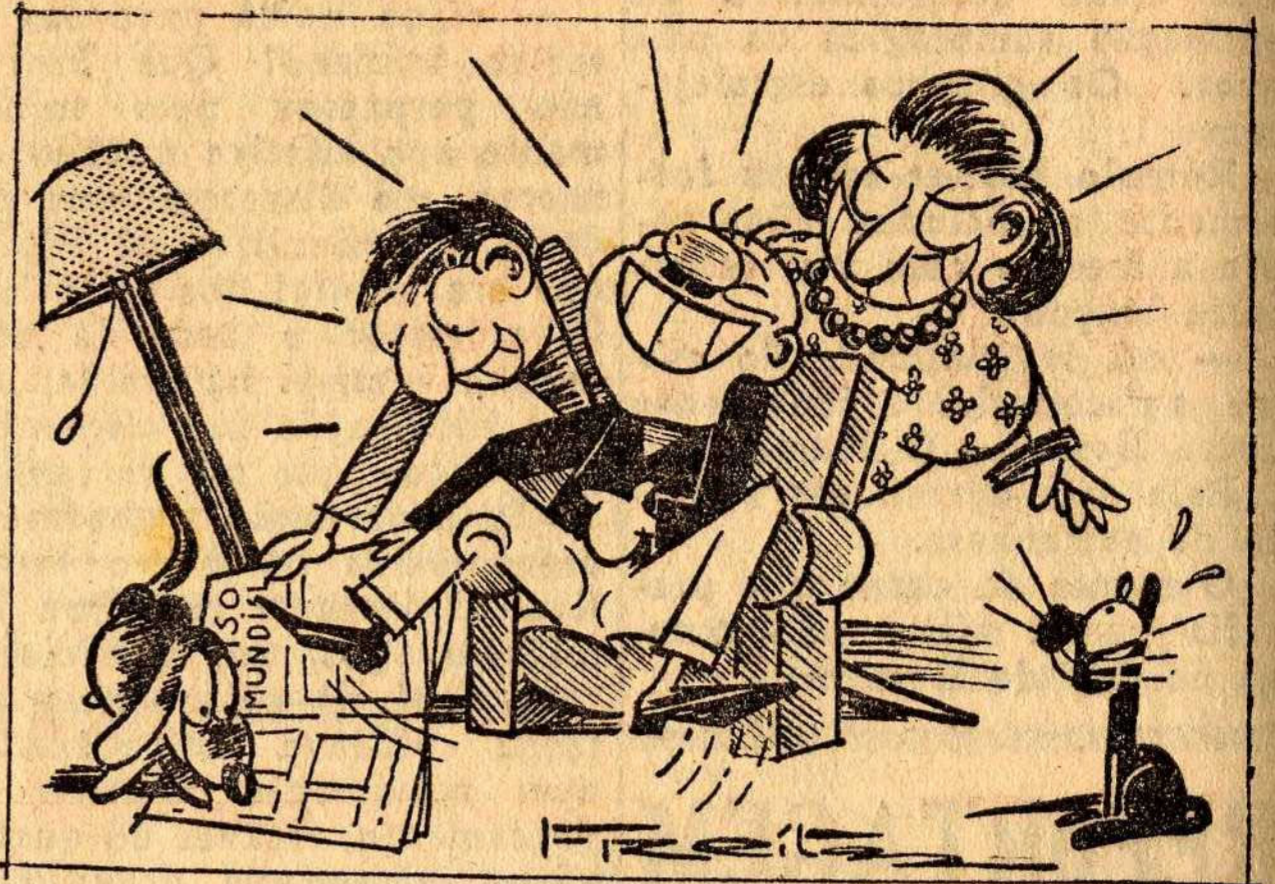
António Amaro Amaral — O seu nome, um A ao cubo, cheira-me a pseudónimo, mas a letra não me é familiar.

Isto não vem nada a propósito do que lhe quero dizer: as suas chalaças, não são nada chalaças, antes pelo contrário: têm graça.

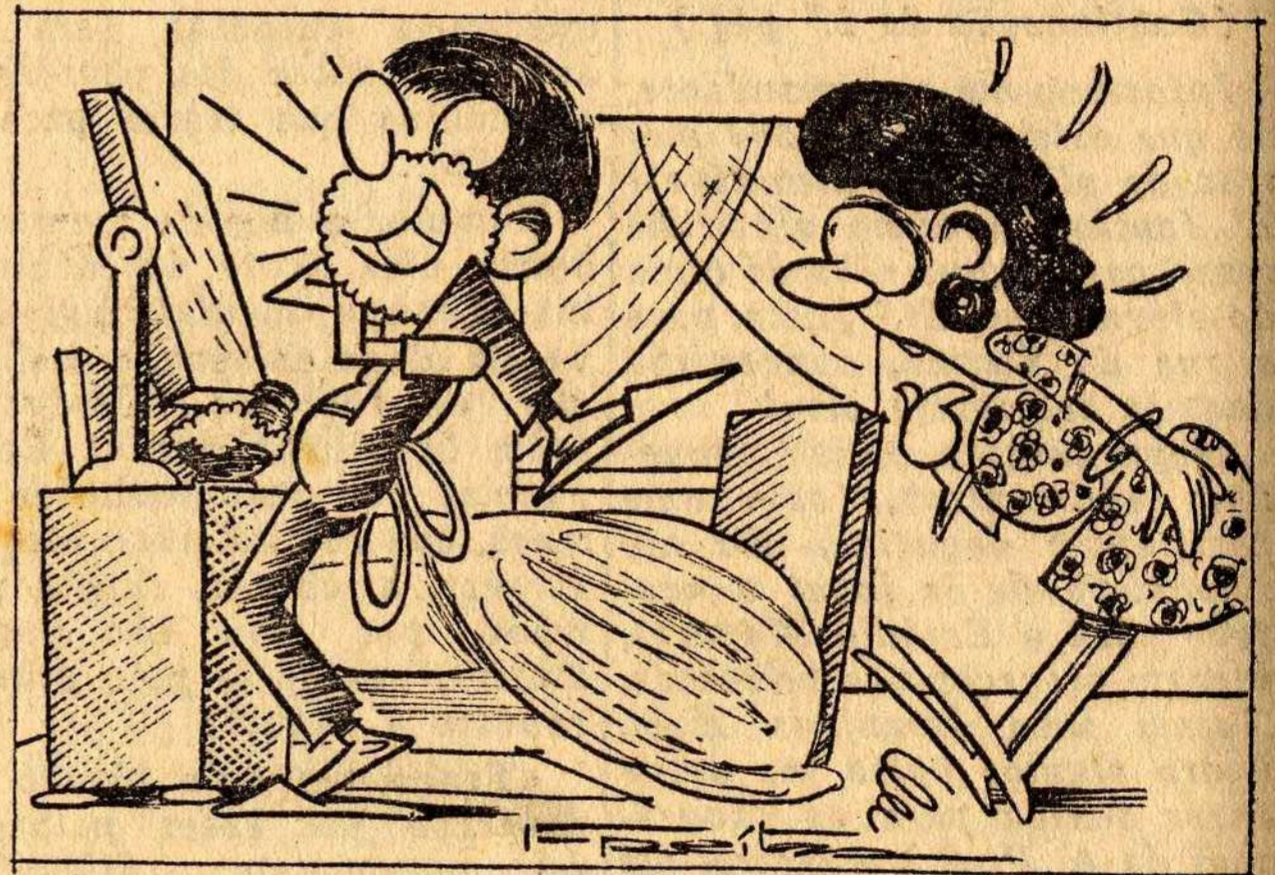
Reza-me a sua sina, na linha traçada da palma da mão, que o seu futuro está no humorismo rápido e curto.

Dedique-se a esta modalidade e será um bom larchador!

# AS VITIMAS DA SEMANA

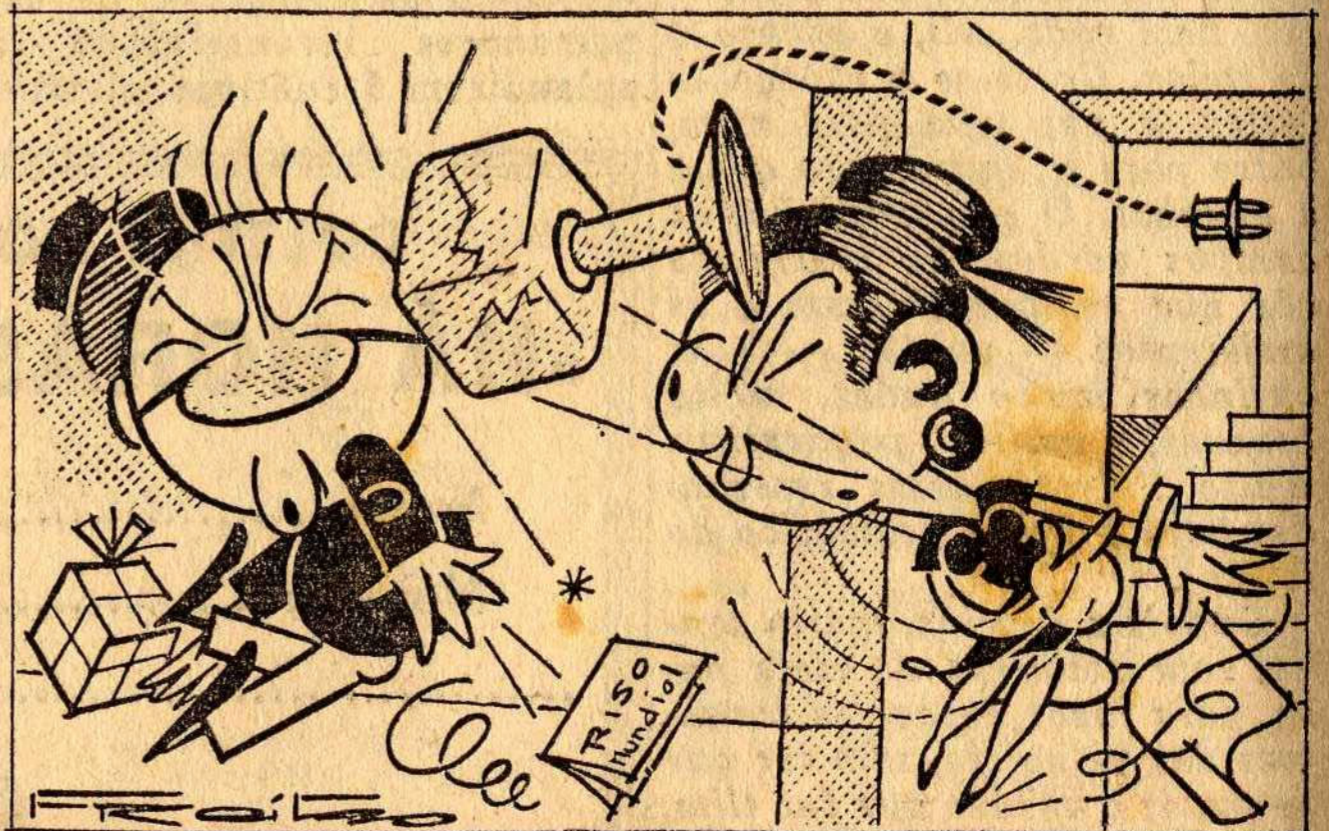


Até o gato se ri com as gravuras do «RISO MUNDIAL», que como toda a gente sabe são executadas na casa BERTRAND & IRMÃOS, LD.<sup>a</sup>



— Credo, filho!... Tu endoideceste?

— Nada disso, filhinha! Não vez que, desde que uso o GLYCOL, faço sempre a barba com «uma perna às costas»!?



— Irra! É mais estúpido do que eu... Não há meio de aprender que os melhores vidros são os da FÁBRICA DE VIDROS LUSITANIA da Marinha Grande!